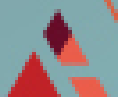


# BOLETIM NEAAPE

v.05 n.01 - abr. 2021



# BOLETIM NEAAPE

ISSN 2594-6935

O Boletim NEAAPE divulga análises sobre o processo decisório de política externa de distintos países, bem como sobre temas que integram as agendas de política exterior. A publicação tem periodicidade quadrimestral e é composta por editorial e textos dirigidos a leitores interessados em ter acesso rápido a informações de qualidade sobre temas contemporâneos.

A publicação é vinculada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ (IESP/UERJ).

É permitida a reprodução deste boletim e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Corpo Editorial

### Conselho Editorial

Fernanda Cristina Nanci Izidro Gonçalves  
Leticia Pinheiro  
Maria Regina Soares de Lima

### Editor Executivo

Leandro Wolpert dos Santos

### Editor Adjunto

Kayo Moura da Silva

### Editoria de Redação

Amanda Silvestre da Silva  
André Pimentel Ferreira Leão  
Beatriz Pontes  
Edgar Andrés Londoño Niño  
Eduardo Morrot Coelho Madureira  
Ghaio Nicodemos  
Juliana de Sant'Anna Cunha  
Juliana Pinto Lemos da Silva  
Kayo Moura  
Leandro Wolpert dos Santos  
Leonardo Albarello Weber  
Luã Braga de Oliveira  
Marcelly Firmino  
Thaís Jesinski Batista

## Núcleo de Estudos Atores e Agendas de Política Externa

neaape.com.br



Instituto de Estudos Sociais e Políticos  
Univesidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rua da Matriz, 82 - Botafogo  
CEP: 22260-100  
Rio de Janeiro – RJ  
(21) 2266-8300

# SUMÁRIO

4

## EDITORIAL

### **A Diplomacia das Vacinas e a Necrodiplomacia**

Fernanda Nanci Gonçalves

Leandro Wolpert dos Santos

Leticia Pinheiro

6

### **A Índia e a Diplomacia da Vacina: busca por influência regional e status global**

Erik H. Ribeiro

14

### ***Rocket Vaccine*: o papel da *Sputnik-V* na pandemia de Covid-19 e a influência da Rússia no Sul Global**

Beatriz Pontes

24

### **Das máscaras às vacinas: uma atualização da política externa chinesa face à Covid-19**

Ghaio Nicodemos Barbosa

## Editorial

# A Diplomacia das Vacinas e a Necrodiplomacia

**Fernanda Nanci  
Gonçalves**

Coordenadora  
Neaape

**Leandro Wolpert  
dos Santos**

Pesquisador  
Neaape

**Leticia Pinheiro**

Coordenadora  
Neaape

No dia 18 de maio, o ex-chanceler brasileiro, Ernesto Araújo, depôs na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid. Esta CPI, que foi criada no âmbito do Senado Federal no dia 27 de abril, investiga omissões e possíveis irregularidades nos gastos do Governo Federal durante a gestão da pandemia no país. Araújo foi questionado sobre suas ações à frente do Ministério, sendo fortemente criticado por falhas na condução da política externa, relacionadas às suas declarações anti-China, às suas críticas direcionadas à Organização Mundial da Saúde (OMS), ao lento processo para aderir ao consórcio de vacinas *Covax Facility*, às dificuldades na negociação para adquirir doses da *Pfizer*, entre outras questões como seu empenho na compra de cloroquina e falta de atuação para importar oxigênio durante a crise no Amazonas.

4

Este cenário demonstra as inúmeras falhas e omissões da diplomacia brasileira conduzida por Araújo em um dos períodos mais críticos da nossa história, na contramão do que seria esperado para um país com histórico de ativismo diplomático em temas de saúde global. De forma diametralmente oposta à atuação do atual governo brasileiro, os governos da Índia, da Rússia e da China não somente adotaram políticas mais convergentes ao esforço multilateral de combate à pandemia, como também vem adotando uma ativa diplomacia da saúde, usando sua produção e exportação de vacinas como instrumento de *Soft Power* para ampliar sua influência internacional. A Índia, como nos mostra Erik Ribeiro (UFRGS), colaborador convidado deste Boletim, vem se utilizando dessa ferramenta para obter maior incidência nos âmbitos regional e global. Da mesma forma, a Rússia, como Beatriz Pontes analisa, busca, através da vacina *Sputnik V*, cooperar para a superação da pandemia de COVID-19 e, simultaneamente, recuperar o prestígio russo de tempos pretéritos bem como expandir a influência da Federação Russa pelo Sul Global. Por fim, a China, como discorre Ghaio Nicodemos em seu artigo, ancora sua diplomacia das vacinas no campo comercial, científico, da cooperação e da ajuda internacional e da ética, visando, assim, blindar sua imagem internacional das críticas vindas do

Ocidente, aumentar sua incidência no globo e angariar pontos na competição pela liderança internacional.

A despeito de dificuldades enfrentadas por cada um desses países em suas respectivas políticas domésticas, esses três integrantes do BRICS entenderam o potencial da diplomacia das vacinas e vem buscando usá-lo em toda sua força. Enquanto isso, mesmo sem ser um desenvolvedor de imunizantes contra a COVID-19, o Brasil não só destoa do comportamento dos demais integrantes do BRICS - cada vez mais colocando em dúvida a pertinência de se manter o B na sigla - como claramente tem abandonado sua reconhecida liderança no campo da defesa da saúde global. No lugar do protagonismo de outrora, ganharam espaço manifestações preconceituosas contra a China, atitudes contrárias ao esforço cooperativo internacional, críticas descabidas contra a OMS, entre outras iniciativas apoiadas na paranoia anti-globalista do então Ministro Araújo e na incompetência administrativa do ex-Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, ambos sob o comando e com total apoio do presidente da República.

A substituição recente de Araújo por Carlos França - um diplomata discreto e, ao que parece, mais atinente às normas internacionais e aos organismos multilaterais - e do militar Pazuello pelo médico Marcelo Quiroga - este mais qualificado para o cargo - trouxe alguma esperança ou ao menos algum alívio para os brasileiros. Espera-se que, desta vez, a parceria Saúde-Política Externa possa criar condições para retomar a exitosa dinâmica do passado. Para citar apenas dois exemplos, na primeira década de 2000, o Brasil liderou a luta pelo acesso a medicamentos genéricos para o tratamento de pessoas com HIV/Aids na Organização Mundial do Comércio (OMC); e na 60ª Assembleia Mundial da Saúde, junto a outros seis países, lançou a chamada Iniciativa sobre Política Exterior e Saúde Global (*Foreign Policy and Global Health Initiative* – FPGHI), base para a Declaração de Oslo, de 2007, instando os países do globo a incorporar o tema da saúde às suas agendas de política externa.

Ao criar condições para a retomada de uma colaboração institucional que logrou alcançar sucesso tanto na promoção da saúde global, quanto no protagonismo internacional do Brasil, se renunciaria à perniciosa parceria que se estabeleceu entre a área da Saúde e da Diplomacia no atual governo, a qual, além de retardar o acesso a imunização da população como um todo e, desta forma, expor ainda mais as parcelas mais vulneráveis da população a um inimigo tão invisível quanto perigoso, contribuiu indiretamente para alcançarmos o assustador número de quase meio milhão de mortes por COVID-19, até o momento.

Mas talvez isso seja esperar demais de um governo cuja uma das marcas tem sido o exercício da necropolítica, para a qual, lamentamos, se somou uma nova corrente diplomática, a necrodiplomacia.

*Recebido para publicação em: 24 maio de 2021.*

## A Índia e a Diplomacia da Vacina: busca por influência regional e status global

---

**Erik H. Ribeiro**

Pesquisador Sênior do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE). Doutor em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Email: erik\_ribeiro@yahoo.com.br

### Introdução

Este artigo tem por finalidade analisar a diplomacia indiana para a vacina da Covid-19 no contexto global, regional e de seus objetivos de política externa. Atualmente, a Índia é um dos maiores produtores mundiais de medicamentos e o país com maior capacidade de produção de vacinas: estimativas apontam que cerca de 60% das vacinas vendidas no mundo são produzidas no país<sup>[1]</sup>.

Por isso, a Índia tem sido um ator fundamental para iniciativas multilaterais, como a COVID-19 Vaccines Global Access (COVAX) em parceria com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Além disso, o país é importante para as potências que desejam utilizar sua capacidade manufatureira para co-produzir, importar e vender vacinas em maior escala. Este ponto é evidenciado pela aliança pela vacina dentro do Quadrilátero Marítimo (Quad<sup>[2]</sup>) e por inúmeros acordos de empresas locais com multinacionais dos EUA e da União Europeia (UE).

Olhando sob a perspectiva nacional, a diplomacia da vacina tem sido um ponto crítico para a política externa indiana em todos os níveis. Nos últimos anos, o governo do Primeiro-Ministro, Narendra Modi (2014-hoje) vem sendo pressionado pela crescente influência geopolítica e geoeconômica da China na Ásia, algo que acentua todos os desafios indianos em seus objetivos de longo prazo<sup>[3]</sup>: soberania

---

[1] Yeung, Jessie; Mitra, Esha. *The world's biggest vaccine producer is running out of Covid-19 vaccines, as second wave accelerates*. In: CNN, 18/04/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/eyvs97vu>>. Acesso em: 10/05/2021.

[2] O Quad é uma parceria securitária informal entre EUA, Índia, Japão e Austrália, proposta inicialmente em 2007. Após uma década de avanços e retrocessos, os quatro países decidiram avançar na construção de uma agenda comum em 2017 para balancear a influência da China no Indo-Pacífico.

[3] Para uma análise dos objetivos de longo prazo da Índia, ver: Ribeiro, E. H. A grande estratégia da Índia: ascensão



econômica e tecnológica; hegemonia no Sul da Ásia e Oceano Índico; e a busca por multipolaridade em nível estrutural e no Indo-Pacífico.<sup>[4]</sup>

Neste sentido, a diplomacia da vacina pode ajudar a Índia a retomar seu protagonismo diplomático e colocar-se como potência essencial para a reorganização da ordem asiática e mundial. Entretanto, desenvolvimentos recentes da segunda onda da Covid-19 na Índia iniciada em março de 2021 colocam esse projeto em cheque devido à urgência da vacinação nacional e à redução temporária de sua capacidade produtiva.

O artigo segue em três seções. A primeira analisa as tendências da diplomacia da vacina no mundo e o posicionamento da Índia em perspectiva comparada. Ao contrário do protecionismo observado nos países desenvolvidos do Ocidente, a Índia - assim como China e Rússia - usa a vacina para ampliar sua influência política em nível regional e global. A segunda seção analisa a diplomacia da vacina da Índia no Indo-Pacífico. No Sul da Ásia ela tem servido como um raro instrumento de *soft power*<sup>[5]</sup> indiano, onde as relações com os vizinhos têm sido instáveis e sujeitas à interferência de Pequim. No Leste Asiático, a Índia tenta competir com a diplomacia da vacina chinesa por meio de uma poderosa parceria no âmbito do Quad, usando os benefícios do poderio econômico e tecnológico de EUA e Japão. Na terceira seção, analisa-se a diplomacia indiana em nível global, cujo objetivo é o reconhecimento na ordem internacional como Grande Potência. Aponta-se como a questão da vacina tem angariado parceiros no Sul Global e na Europa, que podem ser aliados futuros na reorganização do sistema ONU e de outros regimes internacionais. Por fim, serão feitas algumas considerações finais com base na conjuntura recente.

7

### **Diplomacia da vacina no mundo: entre o nacionalismo e o *soft power***

O ano de 2021 tem sido marcado pela continuidade da pandemia de Covid-19 e, mais do que isso, por disputas em torno do processo de vacinação. A urgência da questão soma-se à capacidade limitada dos países em desenvolver, produzir em massa e testar bilhões de vacinas numa escala sem precedentes. A corrida pelas vacinas é altamente desequilibrada em favor de poucos países que reúnem as condições

---

de uma nova grande potência no século XXI? Tese. Porto Alegre: PPGEEI-UFRGS, 2019639 p.

[4] O conceito de Indo-Pacífico surgiu na década de 2000 para assinalar a confluência geopolítica e geoeconômica entre os países da Ásia-Pacífico e do Oceano Índico. Em vários aspectos (econômico, político e securitário), não há mais como analisar as dinâmicas regionais no Leste Asiático sem considerar o papel atual e potencial da Índia. Ver: Pardesi, Manjeet. *Is India a Great Power? Understanding Great Power Status in Contemporary International Relations*, In: *Asian Security*, v. 11, n. 1, p. 1-30, 2015.

[5] O conceito de *soft power*, criado por Joseph Nye, refere-se aos atributos de convencimento, liderança e legitimidade de uma potência para atingir seus objetivos nacionais via cooptação de elites e populações de outros países. Por meio do *soft power*, seja ele cultural, ideológico ou institucional, uma potência pode atrair os demais para uma agenda de benefício próprio e/ou de benefício comum. Ver: Nye Jr., Joseph S. *Soft Power*. In: *Foreign Policy*, n. 80, *Autumn*, 1990, p. 153-171.



necessárias (insumos, tecnologia e capacidade produtiva). Estes países têm sido chamados de “Clube da Vacina”, que é composto pelos EUA, União Europeia, Reino Unido, Suíça, China, Japão, Coreia do Sul, Índia, Rússia, Austrália, Canadá, Brasil e Argentina.<sup>[6]</sup>

Inicialmente, houve esperança de que haveria maior coordenação em nível global devido aos benefícios da vacinação conjunta para a restauração das cadeias produtivas e para a recuperação do consumo e investimento. Contudo, apesar da iniciativa COVAX ter sido aprovada por mais de 170 países, o comprometimento financeiro dos países desenvolvidos com esta iniciativa ainda está aquém do necessário. Há intensa disputa sobre a suspensão ou quebra de patentes das vacinas desenvolvidas para a Covid-19 e também com relação a medidas unilaterais para garantir a vacinação das populações nacionais, incluindo o protecionismo contra a exportação de insumos essenciais e de vacinas. Em janeiro de 2021, um pequeno clube de países desenvolvidos (EUA, UE, Reino Unido, Canadá e Japão) já fechavam contratos para 60% das sete bilhões de doses vendidas até então, sendo que representam apenas 14% da população mundial.<sup>[7]</sup>

Esse fenômeno, chamado de “nacionalismo da vacina”, deverá causar sérios danos à economia global: segundo estudo da RAND Corporation, mais de um trilhão de dólares será perdido anualmente num cenário onde só os principais países desenvolvedores de vacinas (EUA, UE, Reino Unido, China, Rússia e Índia) inoculam grande parte de sua população. Mesmo num cenário onde só os países de baixa renda ficariam para trás, os impactos econômicos indiretos para estes países desenvolvedores seriam de US\$ 119 bilhões anuais. Ou seja, a vacinação universal - mesmo que por doação do Clube da Vacina - seria um investimento necessário e com retornos diretos a suas próprias economias nacionais.<sup>[8]</sup>

8

Até o momento da redação deste artigo, observa-se um vácuo deixado pelos EUA - que apenas após a chegada de Joe Biden (2021-atualmente) assinaram participação na COVAX e voltaram a valorizar o multilateralismo. Pelo lado da União Europeia, suas lideranças têm se preocupado muito mais com o impacto econômico direto da pandemia e com a insuficiente capacidade produtiva conjunta, recusando-se a assumir uma diplomacia global ativa.<sup>[9]</sup>

Seja por cálculos econômicos pragmáticos ou por objetivos políticos, três países têm se destacado pela proatividade internacional na diplomacia da Covid-19: China, Índia e Rússia. Atuando em todos os

[6] Evenett, Simon J. et al. *The Covid-19 Vaccine Production Club Will Value Chains Temper Nationalism? Policy Research Working Paper*, n. 9565. In: *Online: World Bank, March 2021*. Disponível em: <<https://tinyurl.com/nd4bahst%20>>. Acesso em: 10/05/2021.

[7] Gruszczynski, Lukasz; Wu, Chien-huei. *Between the High Ideals and Reality: Managing COVID-19 Vaccine Nationalism*. In: *European Journal of Risk Regulation, First View*, p. 1-9, 2021.

[8] Hafner, Marco et. al. *COVID-19 and the cost of vaccine nationalism*. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2020.

[9] Gruszczynski, L; Wu, Chien-huei. Op. cit.



continentes (inclusive na América do Norte e Europa), estes três países têm fechado dezenas de acordos bilaterais para doação, empréstimos, co-produção e venda de vacinas da Covid-19. A diplomacia ativa de China e Rússia tem inclusive dividido a Europa politicamente entre os países que compram e promovem as vacinas dos dois países e aqueles que se opõem à influência sino-russa na região<sup>[10]</sup>. Em termos de doações de vacinas, até o início de maio de 2021, a China era o maior doador (mais de 17 milhões de doses), seguida pela Índia (cerca de 10,8 milhões) e pela Rússia (cerca de 950 mil), ficando muito à frente dos demais países.<sup>[11]</sup>

No caso da Índia, até o início de maio de 2021, 155 milhões de doses haviam sido administradas no país, que ainda possuía menos de 10% de sua população, parcial ou totalmente, vacinada. Os dois maiores produtores nacionais são o *Serum Institute of India*, que produz uma versão da *Covishield* em parceria com a *AstraZeneca* e o *Bharat Biotech*, que desenvolveu localmente a *Covaxin*. Além disso, a russa *Sputnik V* foi aprovada por autoridades sanitárias indianas e começou a ser importada, enquanto o início da produção local na Índia deve ocorrer ainda neste ano<sup>[12]</sup>. As vacinas produzidas na Índia possuem duas grandes vantagens em relação a competidoras como a *Pfizer* e a *Moderna*: o baixo custo de produção e a facilidade de distribuição e armazenamento, podendo ser refrigeradas ao invés de mantidas em temperaturas abaixo de zero<sup>[13]</sup>. Por isso, a *Covishield* e a *Covaxin* se tornaram instrumentos bastante efetivos na diplomacia indiana para o Sul Global.

## A diplomacia da vacina indiana na Ásia

No plano internacional, a diplomacia da vacina indiana tem rivalizado apenas com a China, num contexto de acirramento da competição estratégica entre os dois países ao longo da última década.

Nos últimos anos, o país tem sofrido pressões por um engajamento maior no Sul da Ásia devido à grande oferta de assistência econômica pela China à região e a conflitos políticos bilaterais envolvendo Nova Déli e os vizinhos<sup>[14]</sup>. Sob o slogan *Vaccine*

[10] Para os casos de Rússia e China, ver: Crowcroft, Orlando. *Sputnik V: Has Russia won the battle in global vaccine diplomacy?* In: EuroNews, 17/03/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3amb8f2u>>. Acesso em: 10/05/2021; Leigh, Michael. *Vaccine diplomacy: soft power lessons from China and Russia?* In: Bruegel, 27/04/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/6exssnr>>. Acesso em: 10/05/2021.

[11] Hosp, Gerald; Wenger, Natalie. *Vaccine diplomacy's perks and perils*, 07/05/2021. In: NZZ. Disponível em: <<https://tinyurl.com/jntr7zhf>>. Acesso em: 10/05/2021.

[12] Sharma, Aman. *Covid vaccine production and availability: What we know so far*. In: *MoneyControl*, 05/05/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/46k2tem7>>. Acesso em: 10/05/2021.

[13] Surie, Mandakini D. *India's vaccine diplomacy: made in India, shared with the world*. In: *DevPolicy Blog*, 29/03/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/37j4f897>>. Acesso em: 10/05/2021.

[14] Paul, T. V. *When balance of power meets globalization: China, India and*

*Maitri* (Amizade da Vacina), o governo indiano tem priorizado os suprimentos para seus vizinhos e para a região do Oceano Índico. Segundo dados do Ministry of External Affairs (MEA-Índia), o país exportou cerca de 66 milhões de doses até o início de maio de 2021. Com base nesses dados, observa-se que o Sul da Ásia (incluindo o Afeganistão) foi a região mais beneficiada, seguida pelo continente africano e pelo Reino Unido.<sup>[15]</sup>

A iniciativa diplomática da Índia para o Sul da Ásia não poderia ter surgido em momento mais oportuno. A política externa indiana tem enfrentado diversos percalços nas relações com praticamente todos os países vizinhos e a questão da diplomacia da saúde - particularmente da vacina - tem sido um ponto importante para facilitar o descongelamento de negociações em outros âmbitos. Alguns países são exceções à regra por fazerem parte do núcleo duro da esfera de influência indiana, como o Butão, as Maldivas e as Ilhas Maurício, ou por serem parceiros de longa data (caso do Afeganistão).<sup>[16]</sup>

No caso de Bangladesh, por exemplo, as relações com a Índia foram atingidas pela nova legislação de cidadania indiana (*Citizenship Amendment Act, CAA*) em 2019, que atingiu negativamente a população muçulmana, incluindo os imigrantes bangladeshis<sup>[17]</sup>. Neste sentido, em dezembro de 2020, Modi e a Primeira-Ministra bengali, Sheikh Hasina, se reuniram pela primeira vez depois da crise diplomática, avançando numa série de acordos que incluem o fornecimento de 30 milhões de doses da *Covishield a Dacca*.<sup>[18]</sup>

No Nepal, o Primeiro-Ministro K. P. Sharma Oli, recém expulso do Partido Comunista do Nepal, tem acusado a Índia de querer retirá-lo do poder devido a suas relações próximas com Pequim. Além disso, em maio de 2020, o Nepal publicou um novo mapa nacional, reivindicando regiões que atualmente estão sob jurisdição indiana no estado de Uttarakhand. No Sri Lanka, o retorno da família Rajapaksa ao poder em 2019 também simbolizou a retomada de relações mais próximas com a China em detrimento da Índia e do Japão.

Além do provimento de doações e vendas comerciais bilaterais a todos os países do Sul da Ásia - com exceção do Paquistão -, a Índia também estendeu ajuda a Mianmar. O país vizinho é considerado a porta de entrada para a Associação das Nações do Sudeste Asiático

---

*the small states of South Asia. In: Politics*, v. 39, n. 1, p. 50-63, 2019.

[15] Ministry of External Affairs (Government of India). *COVID-19 Update*, 10/05/2021. Disponível em: <<https://www.mea.gov.in/vaccine-supply.htm>>. Acesso em: 10/05/2021.

[16] Rajagopalan, R. P. *India Under Strain Across South Asia. In: The Diplomat*, 07/08/2020. Disponível em: <<https://tinyurl.com/47v8xswm>>. Acesso em: 10/05/2021.

[17] Ibidem. Bangladesh também teme que possa haver um influxo de imigrantes indianos ou o retorno de seus emigrantes caso a situação da população muçulmana no leste indiano se torne mais tensa.

[18] BloombergQuint. *India Seeks to Mend Bangladesh Ties With Vaccine Diplomacy*, 17/12/2020. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ebxu5fru>>. Acesso em: 10/05/2021.

(ASEAN) e tem sido o pivô da política de integração sub-regional indiana na Baía de Bengala. Além disso, Mianmar se tornou objeto de competição e cooperação entre China, Índia e EUA ao longo da última década, principalmente em torno do processo local de democratização (interrompido em fevereiro de 2021 por golpe militar).<sup>[19]</sup>

No âmbito do Indo-Pacífico, a Índia tem utilizado os parceiros políticos regionais para avançar sua própria diplomacia da vacina. Após mais de uma década de avanços e retrocessos, os países do Quad organizaram sua primeira cúpula em março de 2021, prometendo uma agenda regular de cooperação em segurança cibernética, econômica e marítima. Numa clara alusão à crescente influência regional chinesa, os quatro países anunciaram o fornecimento de até um bilhão de doses de vacinas contra a Covid-19 até o final de 2022.<sup>[20]</sup>

O foco central desta iniciativa do Quad pela vacina são os dez países da ASEAN, que atualmente representam o grande campo de competição geopolítica sino-estadunidense<sup>[21]</sup>. A companhia indiana *Biological E* ficou responsável pela fabricação das doses prometidas pelo Quad, divididas entre uma vacina desenvolvida pela própria empresa e outra sob licença da multinacional *Johnson & Johnson*. Os EUA fornecerão suprimentos e financiamento produtivo, enquanto o Japão ofereceu linhas de crédito e a Austrália, sua cadeia logística para distribuição no Sudeste Asiático.<sup>[22]</sup>

A parceria indiana com os EUA é ponto essencial para a produção local de vacinas, visto que este país é o principal produtor de insumos como biorreatores, filtros e culturas celulares. A decisão do governo Joe Biden, em janeiro de 2021, de invocar o *Defense Production Act* afetou diretamente esses suprimentos. No entanto, a pedido do governo indiano em abril, os EUA abriram exceções especiais para a Índia. Há, ainda, a expectativa de que 60 milhões de doses da vacina da *AstraZeneca* nos EUA sejam doadas ou vendidas a parceiros externos num futuro próximo.<sup>[23]</sup>

[19] Ribeiro, E. H. A rivalidade e a cooperação nas relações China-Índia: o contexto asiático e o caso de Mianmar. Dissertação, 226 p. Porto Alegre: PPGEEI-UFRGS, 2015.

[20] Reuters. *U.S., India, Japan and Australia counter China with billion-dose vaccine pact*, 12/03/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2r2k7n6c>>. Acesso em: 10/05/2021.

[21] BBC. *Covid: US and allies promise one billion jabs for South East Asia*, 12/03/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2w4p8np8>>. Acesso em: 10/05/2021.

[22] NikkeiAsia. *Why Quad boosts India's vaccine diplomacy: 5 things to know*. In: *Nikkei Asia*, 22/03/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/5ypm5wf4>>. Acesso em: 10/05/2021. *MoneyControl*. *Biological E to begin producing 75-80 million doses of vaccine candidate from August 2021*. 07/05/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ytzy4xzj>>. Acesso em: 10/05/2021.

[23] Dasgupta, Debarshi. *US loosens restrictions on export of Covid-19 vaccine raw materials to India*. In: *The Straits Times*, 27/04/2021. Disponível em: <<https://www.straitstimes.com/asia/south-asia/us-loosens-restrictions-on-export-of-covid-19-vaccine-raw-materials-to-india>>. Acesso em: 10/05/2021. BBC. *AstraZeneca: US to share up to 60m vaccine doses*, 26/04/2021. Disponível em:

A Índia também tem usado a diplomacia da vacina para aprofundar suas incipientes relações com Taiwan. A venda aparentemente aleatória de 100.000 doses da *Covaxin* ao Paraguai foi realizada, na verdade, a pedido do governo taiwanês. O Paraguai é um dos poucos países a manterem relações diplomáticas com Taipei em detrimento de Pequim e alegadamente estava sendo pressionado pela China a abandonar esses laços em favor de doses da vacina chinesa. Após décadas de reticências, a Índia parece estar cada vez mais interessada nos benefícios econômicos e tecnológicos da parceria com Taiwan e, obviamente, sabe que este é um ponto de tensão com a China.<sup>[24]</sup>

### **Diplomacia global da vacina: a Índia na busca do status de Grande Potência**

Desde sua independência, a Índia nunca escondeu seu objetivo de tornar-se uma grande potência com status reconhecido na ordem internacional. Além disso, devido a suas debilidades de poder material, sucessivos governos indianos apostaram no ativismo diplomático como alternativa provisória, projetando-se como uma liderança do Terceiro Mundo e, atualmente, do Sul Global.

A diplomacia da saúde em meio à Covid-19 tem sustentado a visão de mundo indiana em favor do multilateralismo e da redução das disparidades entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento. Historicamente, a Índia é um dos principais atores em defesa da quebra de patentes, algo que se refletiu imediatamente na busca pela suspensão dos direitos de propriedade intelectual da vacina da Covid-19. Assim, a diplomacia indiana influenciou diretamente a resolução da Organização Mundial da Saúde (OMS) reivindicando o acesso global à vacina.<sup>[25]</sup>

A intenção indiana ao ter uma diplomacia ativa em âmbito global é justamente mostrar seu papel fundamental no sistema multilateral. Em um momento de crise em que as potências tradicionais se voltam para o nacionalismo da vacina, a Índia apresenta-se como alternativa importante para uma série de países que, posteriormente, serão importantes para os pleitos indianos em regimes internacionais. Por décadas, o país tem buscado um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CS-ONU) e o voto de países da África, Caribe e da Ásia poderão eventualmente assegurar essa conquista.<sup>[26]</sup> É importante notar que, atualmente, a Índia assegurou um assento rotativo no CS-ONU justamente devido a esses votos e, em 2023,

---

<<https://tinyurl.com/s4tpfhkc>>. Acesso em: 10/05/2021.

[24] Pant, H. V.; Saha, P. *India's Vaccine Diplomacy Reaches Taiwan*. *ORF Commentary*, In: *Observer Research Foundation*, 21/04/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w79mm2dh>>. Acesso em: 10/05/2021.

[25] Pant, H. V.; Tirkey, A. *India's Vaccine Diplomacy*. In: *Foreign Policy*, 22/01/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/8wsdzupv>>. Acesso em: 10/05/2021.

[26] Tharoor, Shashi. *India's Smart Vaccine Diplomacy*. In: *Project Syndicate*, 11/03/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/m9ahysyw>>. Acesso em: 10/05/2021.

presidirá a cúpula do G20 frente às maiores economias do mundo.

Além disso, a diáspora indiana é um ativo cada vez mais relevante para Nova Déli. Isso fica evidente na escolha de doações a certos países africanos e do Caribe com comunidades indianas influentes. Outro ponto de importância crescente é a influência da Índia sobre a *Commonwealth* - comunidade de países historicamente associados ao Reino Unido, como a própria Índia. Dos 48 países receptores das vacinas indianas contra a Covid-19, 28 são membros da confederação. A Índia acredita que esse pode ser um novo canal de apoio para balancear a crescente influência da China e angariar apoio em bloco para votações multilaterais.

### Considerações finais

A diplomacia da vacina tem servido a vários propósitos da política externa indiana, mas não há como prever seus efeitos de longo prazo ou se ela acabará eventualmente se voltando contra Nova Déli. A Índia enfrenta um grave dilema ao tornar-se o epicentro de novas infecções pela Covid-19 desde março de 2021: há urgência na vacinação em meio à explosão de casos confirmados ao mesmo tempo em que é preciso honrar acordos e contratos firmados anteriormente junto à COVAX e demais parceiros.

Por isso, desde o final de março, o governo indiano praticamente suspendeu as exportações e doações para priorizar a demanda interna. Assim, os países que estavam se beneficiando do *Vaccine Maitri* e das demais iniciativas enfrentam agora problemas sérios com atrasos nas entregas. Para mais de 20 países africanos que receberam a *AstraZeneca* produzida na Índia (de forma bilateral ou pela COVAX), estes lotes eram a espinha dorsal dos programas nacionais<sup>[27]</sup>. Os vizinhos no sul da Ásia - Bangladesh, Sri Lanka e Nepal - sofrem com o mesmo problema e passaram a recorrer à China, EUA e Rússia para cobrir o déficit deixado pela Índia.<sup>[28]</sup>

O cenário atual denota um problema recorrente na política externa indiana: a falta de coordenação institucional e de capacidades materiais nacionais (e.g. financeiras, produtivas ou militares) para lastrear iniciativas diplomáticas pretendidas por Nova Déli. Neste caso, a Índia possui a capacidade produtiva necessária para garantir os suprimentos de vacinas, mas peca pela falta de organização do Estado nas licitações e no financiamento das cadeias de produção domésticas. Desta forma, a saída para explorar o potencial da diplomacia da vacina da Covid-19 passa pela atuação do governo central junto aos entes federados. Caso isso ocorra, a Índia terá fôlego suficiente para vacinar sua população e exportar excedentes ao COVAX e às nações amigas, realizando seu objetivo de projeção de influência regional e global.

*Artigo recebido para publicação em: 10 de maio de 2021.*

[27] DW. *Africa scrambles as India vaccine export ban bites region*, 04/05/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2dkk9m6c>>. Acesso em: 10/05/2021.

[28] Basu, Nayanima. Bangladesh, Nepal, *Lanka panic over orders, 2nd doses as India's 'Vaccine Maitri' breaks down*. In: *The Print*. 07/05/2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/e5zjynzd>>. Acesso em: 10/05/2021.



# Rocket Vaccine: o papel da *Sputnik-V* na pandemia de Covid-19 e a influência da Rússia no Sul Global

---

**Beatriz Pontes**

Pesquisadora  
NEAAPE

## Introdução

A família “Sputnik”, conhecida pelo elevado nível técnico-científico aeroespacial, que marcou os anos de Guerra Fria, cresceu. Não mais localizada no centro de um conflito bilateral por busca de hegemonia global, segue representando o que há de mais avançado na ciência mundial, nesse ínterim tão desafiador quanto a disputa do século XX entre EUA e União Soviética. Em meio a uma pandemia global e à consequente urgência por respostas científicas, satélites e foguetes deram lugar a uma vacina e a escolha pela inclusão do imunizante na “família Sputnik” não foi obra do acaso.

A *Sputnik V* (nome popular para a *Gam-COVID-Vac*) foi lançada oficialmente no dia 11 de agosto de 2020, através de comunicado realizado pelo Fundo Russo de Investimento Direto (RDIF), órgão do governo responsável pelo financiamento das pesquisas do Instituto *Gamaleya* que deram origem ao imunizante. O RDIF também é responsável pela produção e negociações externas de fornecimento da vacina. Inicialmente liberada para uso emergencial, foi a primeira vacina do mundo a receber a autorização de um órgão de vigilância em saúde para a aplicação em grupos prioritários e, em dezembro do mesmo ano, começou a ser utilizada no processo de vacinação em massa da população russa.

Desde o seu lançamento oficial, a *Sputnik V* tem levantado diversos questionamentos por parte da comunidade científica e do meio político acerca de sua eficácia contra o novo coronavírus. Entretanto, a saúde global é apenas uma das preocupações dos Estados. A potencial instrumentalização do imunizante por parte da Federação Russa como ferramenta de *Soft Power*<sup>[1]</sup> para ampliar seu poder é tanto uma realidade quanto uma ameaça para grandes potências que também colocaram suas vacinas - *Pfizer/BioNTech* (parceria entre laboratórios estadunidense e alemão; *Moderna* (laboratório estadunidense), *Jansen* (laboratório estadunidense) - no mercado e igualmente disputam por áreas de influência através delas.

---

[1] O conceito será tratado de forma mais detalhada na seção seguinte.

A instrumentalização política do imunizante mediante a pandemia é semelhante a instrumentalização ocorrida com os satélites e foguetes do Programa Espacial Soviético *Sputnik*, de 1957, quando o mundo ansiava pela ida – e retorno seguro – do homem ao espaço. As diferenças entre os dois “momentos *Sputnik*” se encontram no objetivo por trás da existência de cada um e no direcionamento geopolítico desses que podem ser considerados importantes exemplos de instrumentalização do *Soft Power*.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar o papel da vacina *Sputnik V*, tanto no auxílio técnico-científico na superação da pandemia de COVID-19, quanto no processo de expansão da influência da Federação Russa pelo Sul Global. É objetivo desta análise verificar se, de fato, a Rússia tem conseguido se posicionar no front da luta contra a pandemia nos países do Sul. Em suma, estaria a Rússia preparada para entregar algo tão grandioso para a ciência mundial quanto a União Soviética do Programa Espacial *Sputnik*?

O interesse pelo Sul Global também será caracterizado, bem como os fatores que fazem desse movimento geopolítico russo arriscado e desafiador. Os impasses gerados pelo contramovimento que a vacina russa representa para os países centrais (em especial para os EUA) também serão abordados.

### O Peso de Pertencer à Família Sputnik

Após o lançamento oficial da *Sputnik V*, o RDIF criou um *website* para divulgar as principais informações sobre a vacina, no qual foi publicado um vídeo simulando a atuação da mesma no processo de imunização do planeta Terra. No vídeo, um satélite contendo o logotipo da *Sputnik V*, ao entrar na órbita da Terra – que recebeu o formato do gene estrutural do *SARS-CoV-2*<sup>[2]</sup> – inicia o processo de limpeza do planeta, o qual volta a ter a forma que conhecemos na medida em que o satélite gira em torno da Terra. O processo de retorno da forma natural do planeta é uma metáfora para o controle da COVID-19 devido à utilização da *Sputnik V*.

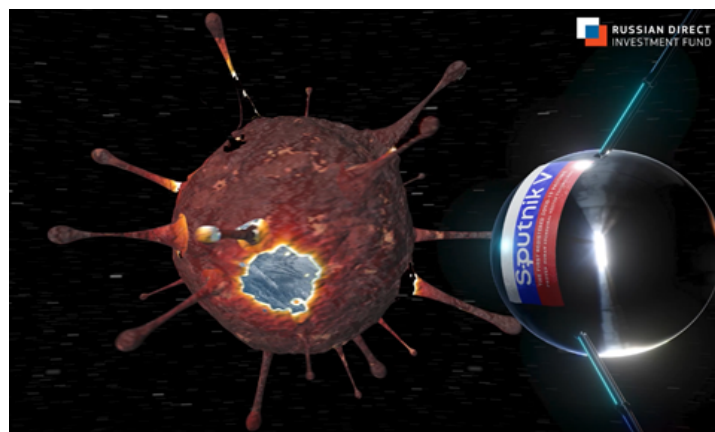


Imagem 1 – “Momento *Sputnik*”<sup>[3]</sup>

[2] Nome científico dado ao vírus causador da COVID-19. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/as-diferencas-e-semelhancas-entre-o-sars-cov-2-e-outros-coronavirus/#:~:text=O%20Sars%2DCoV%2D2%2C,humanos%20%E2%80%93%20chegando%20a%20gerar%20surto>>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

[3] Fonte: *website* oficial da vacina russa *Sputnik V*. Disponível em: <<https://>>



O vídeo representa o esforço do RDIF de vincular a *Sputnik V* ao legado do Programa Espacial Soviético *Sputnik*, responsável pelos avanços técnico-científicos que levaram à órbita da Terra o primeiro satélite. Os avanços do Programa Espacial Soviético podem ser observados até hoje na produção científica ao redor mundo e, por isso, seguem sendo exemplo para a realização de feitos igualmente grandiosos.<sup>[4]</sup>

Em entrevista concedida à revista *Lancet*, conceituado veículo de divulgação da comunidade científica no campo da medicina, Kirill Dmitriev, Diretor Executivo do RDIF, explicou que a resistência à aceitação da vacina russa e o ceticismo por parte da comunidade internacional já eram esperados, e que, por isso, até o nome do imunizante deveria ser pensado para ajudar a aumentar sua receptividade no plano internacional.<sup>[5]</sup> O pessimismo de Dmitriev é justificável, tendo em vista a série de constrangimentos e retaliações de diversas naturezas colecionadas pela Rússia ao longo do tempo pelo fato de se posicionar na cena internacional como um ator revisionista da ordem global do pós-Guerra Fria.

Nesse sentido, a decisão de chamar a primeira vacina russa de *Sputnik V* é derivada da necessidade de utilização de um nome russo reconhecível internacionalmente. Hoje, a Rússia conta com três imunizantes já registrados pela agência de vigilância sanitária nacional,<sup>[6]</sup> porém, apenas um deles tem sido utilizado e largamente publicizado pelo governo russo para contribuir internacionalmente com o combate à COVID-19, a *Sputnik V*. Para o RDIF, o ingresso da vacina na família criou o “momento *Sputnik*” para a comunidade internacional, ou seja, um momento de resgate da capacidade russa de contribuir para os avanços científicos e tecnológicos mundiais.<sup>[7]</sup> A movimentação em torno de um simples batismo do imunizante russo, dentre outras ações que serão analisadas adiante, revela a expectativa criada em torno do seu lançamento. Mais do que a tradução literal da palavra “*Sputnik*” - em português, satélite ou companheiro de viagem - o nome expõe o interesse russo de fazer da vacina um instrumento de poder em âmbito global, como ocorrido com o primeiro membro da família, o satélite *Sputnik I*.<sup>[8]</sup>

[sputnikvaccine.com/sputnik-moment/](https://sputnikvaccine.com/sputnik-moment/)>.

[4] Rolland, Alex. *How Sputnik Changed Us. In: The New York Times*, 1985. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1985/04/07/books/how-sputnik-changed-us.html>>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

[5] Balakrishnan, Vijay. *The Arrival of Sputnik V. In: The Lancet*, 2020. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099\(20\)30709-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099(20)30709-X/fulltext)>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

[6] *EpiVacCorona* e *CoviVac* são as duas vacinas aprovadas posteriormente à *Sputnik V* pela agência de vigilância sanitária da Rússia. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/two-more-russian-vaccines-what-we-do-and-dont-know/a-56811025#:~:text=Russia%20has%20approved%20three%20coronavirus,V%2C%20then%20EpiVacCorona%20and%20CoviVac>>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

[7] *Sputnik moment. Sputnik Vaccine*, 2020. Disponível em: <<https://sputnikvaccine.com/sputnik-moment/>>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

[8] Perpetuo, I. F. Falando russo: “*Sputnik*” tem vários significados além do

## Instrumento de *Soft Power*

A definição de *Soft Power* utilizada neste artigo encontra suas raízes nos trabalhos de Joseph Nye,<sup>[9]</sup> primeiro autor a utilizar o termo para se referir a uma forma de demonstração de poder que não instrumentaliza a força de um Estado, ou seja, não mobiliza exércitos tampouco utiliza armas (*Hard Power*). Nye entende o conceito básico de poder como sendo “a capacidade de influenciar os outros para que façam o que você quer”.<sup>[10]</sup> Para o autor, existem três maneiras de um Estado conseguir isso: 1- realizar ameaças de uso da força; 2- recompensar o Estado que ceder à pressão do outro, como uma espécie de troca de favores; 3- atrair o Estado ou cooptá-lo, sem usar nenhuma das duas táticas anteriormente descritas, para que concordem ou queiram o mesmo. Para o autor, o *Soft Power* é a ferramenta mais barata das três por se basear no convencimento. São diversas as ferramentas que podem ser consideradas instrumentos de *Soft Power*, basta que elas sirvam ao interesse do Estado em cooptar terceiros sem utilizar a força.

Apesar dos estudos sobre poder desenvolvidos por Nye serem posteriores à movimentação gerada na comunidade científica internacional pelos avanços soviéticos no campo aeroespacial, vale a pena o exercício de analisar o Programa *Sputnik* (do primeiro satélite à vacina) levando em consideração seus apontamentos teóricos. Os estudos sobre poder desenvolvidos por Nye, além de categorizarem o *Soft Power* como ferramenta política, separa suas origens em três tipos: cultural, ideológica (valores políticos) e institucional (políticas). O financiamento de uma pesquisa, independentemente de sua origem e do campo científico no qual se enquadre, nada mais é do que produto de uma política-institucional. Desse modo, é possível enquadrar a diplomacia técnico-científica implementada, tanto pela União Soviética de 1957, quanto pela Rússia de 2020, na categorização realizada pelo autor acerca do que o mesmo considera ser uma estratégia de *Soft Power* político-institucional.<sup>[11]</sup> Nye entende que é possível, através do estabelecimento de uma diplomacia técnico-científica, angariar corações e mentes, chegando a aproximar os países envolvidos e a tornar mais provável a cooperação multissetorial entre eles.

Apesar do *Soft Power* ser a demonstração menos beligerante de poder, não existe ferramenta que impeça a sua instrumentalização para tais fins. Exemplos clássicos na história da própria União Soviética mostram como a cultura foi utilizada para justificar execuções e miscigenações forçadas entre as diferentes etnias que

foguete; conheça. In: Folha de São Paulo, 14/06/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/falando-russo-sputnik-tem-varios-significados-alem-do-foguete-conheca.shtml>>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

[9] Nye, Joseph. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: Public Affairs, 2004.

[10] Nye, Joseph. Op. cit.

[11] Basford, Kaye. *Science can leverage soft power*. In: ATSE, 2020. Disponível em: <<https://www.atse.org.au/news-and-events/article/science-can-leverage-soft-power/>>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

compunham a União Soviética de Stalin.<sup>[12]</sup> A utilização do *Soft Power* pode ser direcionada como qualquer outra estratégia política, gerando consequências (positivas ou negativas) para o Estado que a utiliza.

Do ponto de vista teórico, foi explicado até aqui como a diplomacia técnico-científica implementada por União Soviética e Rússia - através do Programa *Sputnik* - se enquadra na demonstração de poder caracterizada por Joseph Nye como *Soft Power*. Adiante, serão abordadas as principais questões que diferenciam os dois “momentos *Sputnik*”, mantendo em perspectiva comparada o sucesso alcançado pela instrumentalização do Programa Espacial de 1957 e a expectativa em torno da instrumentalização da *Sputnik V*.

### As Controvérsias com a Organização Mundial de Saúde (OMS)

Afinal, depois de quase um ano de seu lançamento, é possível afirmar que a diplomacia da vacina, ou, no contexto russo, a instrumentalização da *Sputnik V* tem logrado êxito? De fato, poucos países no mundo conseguiram apresentar em tão pouco tempo imunizantes eficazes contra a COVID-19. E a Rússia foi o primeiro deles. A urgência na elaboração e na apresentação de uma solução eficaz contra o Coronavírus foram fundamentadas na necessidade de proteger os seres humanos, mas não somente isso. A urgência, nesse caso, revela a tentativa de demonstrar a capacidade do Estado russo de solucionar grandes questões globais e de liderar agendas. Apesar de sofrer de constante vulnerabilidade econômica e turbulências internas derivadas das tentativas de estabelecimento da democracia por parte de diversos atores da comunidade política, a Rússia segue sendo referência mundial no campo da inovação tecnológica e nas pesquisas na área da medicina. Apesar do status de país emergente, a rapidez com a qual o RDIF se movimentou para financiar as pesquisas que deram origem à *Sputnik V* pode ser comparada com a de países do primeiro mundo. Entretanto, a mesma rapidez que caracterizou a eficiência do país no processo, foi responsável pelos questionamentos da comunidade internacional e, principalmente, da OMS, acerca do processo de elaboração do imunizante.

O primeiro problema apontado pela OMS foi a ausência de relatórios científicos oficiais acerca dos ensaios clínicos exigidos pela Organização para que o imunizante recebesse a sua chancela. O lançamento da *Sputnik V* foi acompanhado única e exclusivamente da aprovação do seu uso por parte do Ministério da Saúde da Federação

[12] Foi definido pelos ideólogos do Partido Comunista Soviético (início do século XX) o objetivo de unificar culturalmente os diferentes povos que compunham a União Soviética e difundir pelo mundo as vantagens sociais, culturais e econômicas de ser um cidadão soviético. “Novo Homem Soviético” é o termo comumente utilizado pela literatura para representar tal objetivo, o qual perdurou até o fim da Guerra Fria. A União Soviética passou a utilizar o exemplo de “Homem Soviético” para angariar novas repúblicas e moldar culturalmente os cidadãos etnicamente diversos que faziam parte da URSS. Lindt, Margarita. Como os pioneiros formaram o novo homem soviético. In: *Russia Beyond*, 26/08/2017. Disponível em: <[https://br.rbth.com/sociedade/2017/08/25/como-os-pioneiros-formaram-o-novo-homem-sovietico\\_828140](https://br.rbth.com/sociedade/2017/08/25/como-os-pioneiros-formaram-o-novo-homem-sovietico_828140)>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

Russa, o que, para a comunidade internacional, não tem valor científico. Também até a data de seu lançamento, a Rússia ainda não havia concluído a fase três dos testes do imunizante, considerada indispensável pela OMS. A Associação de Organizações de Pesquisa Clínica (AOCI), entidade que reúne personalidades ativas no mercado russo de ciência e tecnologia e empresas farmacêuticas internacionais, solicitou o adiamento do registro da *Sputnik V* ao Ministério da Saúde da Federação Russa, tendo em vista a não conclusão da etapa final dos testes.<sup>[13]</sup> De fato, um Estado não pode ser considerado um bom fabricante de vacinas ou de qualquer outro medicamento porque acredita e diz que é. E um dos motivos pelos quais a OMS existe hoje é essa constante necessidade de estabelecer critérios - os mais universais possíveis - para garantir a saúde dos povos.

A repercussão dessa controvérsia com a OMS surtiu efeitos negativos no processo de expansão da *Sputnik V* pelo mundo, comprometendo sua instrumentalização, atrasando a sua comercialização e frustrando até os mais otimistas de que a *Sputnik V* levaria adiante o legado de sucesso da “família”. O desinteresse da União Europeia foi imediato, apesar de o não cumprimento das exigências feitas pela OMS não ter sido o motivo alegado isoladamente. As parcerias entre laboratórios europeus e estadunidenses vinham entregando bons resultados e fornecendo previsões animadoras acerca do fornecimento de novos imunizantes, como logo aconteceu com a divulgação dos estudos preliminares da *Tozinameran*, popularmente conhecida como a vacina dos laboratórios *Pfizer* (estadunidense) e *BioNTech* (alemão).<sup>[14]</sup> Em suma, a não conformidade com os protocolos da OMS, mas também a competitividade com grandes indústrias farmacêuticas dificultaram a entrada da *Sputnik V* no mercado do Norte. O caminho alternativo para expansão comercial e de poder foi o Sul.

### Impasse com os EUA

O RDIF tem se tornado cada vez mais presente nas mídias sociais, na medida em que as demandas pela *Sputnik V* aumentam. A estratégia do governo com essa divulgação relaciona-se com uma forma de dar mais transparência ao processo de divulgar informações oficiais sobre a vacina. No dia 26 de abril de 2021, em publicação no perfil oficial da *Sputnik V* no Twitter, o RDIF denunciou o Departamento de Saúde dos EUA por terem pressionado o Brasil a não aprovar o uso nacional do imunizante russo, além de anexarem na publicação o documento de onde extraíram a informação<sup>[15]</sup>. Na página 48 do *American Annual*

[13] Venkina, Ekaterina. Mercado farmacêutico russo pede ao Ministério da Saúde o adiamento do registro da vacina contra COVID-19. In: Deutsche Welle, 10/08/2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/ru/farmrynok-rf-prosit-minzdrav-otlozhit-registraciju-vakciny/a-54511138>>. Acesso em: 8 de maio de 2021.

[14] Connolly, Andrew. *Sputnik V: How Russia's Covid vaccine is dividing Europe*. In: BBC, 17/04/2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-56735931>>. Acesso em: 07 de maio de 2021.

[15] EUA. Departamento de Saúde e Serviços Humanos. In: Relatório Anual, 2020. Washington, D.C., 2020. BandNwes TV. Rússia acusa Anvisa de “decisão

*Report*, de 2020, o Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA separou uma seção intitulada “Combatendo influências malignas nas Américas”, na qual explica que:

O Escritório de Assuntos Globais (EAG) usou as relações diplomáticas na região das Américas para mitigar os esforços dos Estados, incluindo Cuba, Venezuela e Rússia, que estão trabalhando para aumentar sua influência na região em detrimento da segurança dos EUA. O EAG coordenou com outras agências governamentais dos EUA para fortalecer os laços diplomáticos e oferecer assistência técnica e humanitária para dissuadir os países da região de aceitar ajuda desses estados mal-intencionados. Os exemplos incluem usar o escritório do Adido de Saúde da EAG para persuadir o Brasil a rejeitar a vacina russa contra a COVID-19 e oferecer assistência técnica dos Centros de Controle de Doenças (CPD) no lugar do Panamá aceitar uma oferta de médicos cubanos.<sup>[16]</sup>

O fortalecimento dos laços de cooperação em saúde apresenta a possibilidade de transcender a barreira técnico-científica e, de forma mais branda, demonstrar o poder de um Estado. No documento em questão, os EUA deixam clara a posição de que, não só entendem a tentativa de expansão da Rússia pelo Sul Global, como instruíram suas agências institucionais a barrar o processo. A movimentação mostra que o fornecimento de um imunizante não representa apenas um esforço de cooperação em saúde em tempos de pandemia, mas também a capacidade de um Estado fazer aliados para enfrentar problemas cada vez mais característicos da modernidade. A pandemia de COVID-19 é um exemplo de desafio global transfronteiriço e a distribuição de poder derivada desse desafio ameaça a hegemonia estadunidense.

20

No mesmo dia 26, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) do Brasil negou o registro de importação da *Sputnik V* sob uma série de alegações que variam desde a ausência de documentos comprobatórios acerca dos testes realizados pelo Instituto *Gamaleya* à incapacidade do RDIF de garantir a qualidade do processo de envasamento das doses do imunizante.<sup>[17]</sup> A menos que exista um pronunciamento formal do governo brasileiro sobre o assunto, não saberemos se, de fato, a política de combate às alegadas influências malignas nas Américas teve alguma parcela de responsabilidade na

---

política” por veto à vacina *Sputnik V*. In: UOL, 27/04/2021. Disponível em: <<https://www.band.uol.com.br/noticias/russia-acusa-anvisa-de-decisao-politica-por-veto-a-vacina-sputnik-v-16346358>>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

[16] Tradução nossa para a versão no original: “OGA used diplomatic relations in the Americas region to mitigate efforts by states, including Cuba, Venezuela, and Russia, who are working to increase their influence in the region to the detriment of US safety and security. OGA coordinated with other U.S. government agencies to strengthen diplomatic ties and offer technical and humanitarian assistance to dissuade countries in the region from accepting aid from these ill-intentioned states. Examples include using OGA’s Health Attaché office to persuade Brazil to reject the Russian COVID-19 vaccine, and offering CDC technical assistance in lieu of Panama accepting an offer of Cuban doctors” (EUA. Departamento de Saúde e Serviços Humanos. In: Relatório Anual. Washington, D.C., 2020, p. 48).

[17] Barifouse, Rafael. Anvisa nega pedido de importação da vacina *Sputnik V*; entenda as razões. In: BBC Brasil, 26/04/2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56897420>>. Acesso em: 17 de maio de 2021.



negação do pedido de importação da *Sputnik V*. Estados como, Amapá, Ceará, Piauí e Maranhão haviam negociado a compra da *Sputnik V*, além de municípios como Maricá e Niterói, no estado do Rio de Janeiro.<sup>[18]</sup>

### O Interesse da Rússia no Sul Global

Por definição, a região política compreendida por Sul Global reúne os países que constantemente enfrentam problemas como instabilidade econômica, desigualdades sociais e dificuldade de acesso aos mais diversos recursos básicos para assegurar a qualidade de vida da sua população. Estão entre os países do Sul Global os mais pobres do mundo e os considerados em busca pela superação dos problemas pontuados. Em sua maioria, as histórias desses países estão intrinsecamente vinculadas ao colonialismo iniciado no século XIV. A Rússia é um dos poucos países do Sul Global que podem ser considerados excepcionais para a história recente, pois reúne em sua trajetória períodos coloniais, imperiais e neo imperiais, dificultando inclusive a categorização da Federação Russa no século XXI. É um Estado que mantém um pouco de cada uma de suas fases: a conexão cultural com suas ex-colônias, com suas ex-repúblicas e, apesar das crises socioeconômicas que vem enfrentando após a queda da União Soviética, a segunda posição no ranking de países com maior poderio militar do mundo.

Desde a criação dos BRICS, grupo de países economicamente emergentes, a Rússia tem se colocado na cena internacional como um país opositor da hegemonia estadunidense e da ordem global pós-Guerra Fria.<sup>[19]</sup> O movimento de expansão da *Sputnik V* para países como Argentina, Brasil, África do Sul e Venezuela reúne um misto de três fatores: a já citada intenção russa de se colocar na cena internacional como um ator revisionista da ordem global, a qual traz consigo as controvérsias com a OMS; a manutenção de um movimento de cooperação Sul-Sul outrora encabeçado por Rússia e Brasil no âmbito dos BRICS; e a dificuldade da Rússia de competir em escala global com as grandes farmacêuticas que logo após o RDIF colocaram seus produtos no mercado.

O objetivo russo de demonstrar capacidade de resolução de problemas globais e liderança, no caso da pandemia, tem encontrado dificuldades em se concretizar. A expansão pelo Sul Global tem se mostrado, mais do que algo previamente planejado, o único movimento possível para a Rússia. Ainda assim, o mercado do Sul possui fatores atrativos que mantiveram a Rússia no caminho da utilização do imunizante como um instrumento de *Soft Power*. Alguns desses fatores atrativos são: a elevada densidade populacional dos países que, juntos, somam 3/4 da população mundial; a vulnerabilidade econômica,

[18] Janone, Lucas. Prefeituras de Niterói e Maricá acionam justiça para ANVISA autorizar *Sputnik V*. In: CNN Brasil, 21/04/2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/21/prefeituras-de-niteroi-e-marica-acionam-justica-para-anvisa-autorizar-sputnik-v>>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

[19] McFarlane, Neil. *The "R" in the BRICS: Is Russia an Emerging Power?* In: (Orgs.) Hurrell, Andrew et. al. Os BRICS e a Ordem Global. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

que implicou a dificuldade de produção de imunizantes próprios; a dificuldade das farmacêuticas, que já comercializam as vacinas contra a COVID-19, de suprirem a demanda dos países.<sup>[20]</sup> Apesar desse movimento de expansão estar em curso, são muitos os desafios.

A vacinação da população russa segue a passos lentos, mesmo o país tendo registrado internamente os outros dois imunizantes - *EpiVacCorona* e *CoviVac*. É contraditório o interesse do RDIF de se colocar como um fornecedor internacional preparado para tamanha demanda enquanto enfrenta dificuldades no processo de imunização da própria população. Outro problema é o valor da dose da *Sputnik V*.

Apesar de apresentar fácil logística de distribuição – fator importante para países com recursos financeiros limitados – a dose do imunizante russo custa aproximadamente US \$10 enquanto a da vacina *Oxford AstraZeneca* chega para os governos por aproximadamente US \$4. Isso significa que, apesar de estar na lista das vacinas mais baratas do mercado, a *Sputnik V* segue perdendo espaço. Tomando rapidamente o Brasil como exemplo, o custo da dose somado aos problemas do RDIF com a OMS foi decisivo para o Brasil seguir apostando em grande medida na vacina proveniente da parceria *Oxford/AstraZeneca* e com a vacina chinesa *Coronavac*.

Uma importante medida de otimização do processo de expansão da vacinação com a *Sputnik V* pelo mundo foi a realização de acordos de fabricação do imunizante em laboratórios de fora da Rússia.<sup>[21]</sup> No total, negociações foram iniciadas com oito países, mas, até agora, apenas Argentina, Bielorrússia, Índia e Coreia do Sul oficialmente firmaram o compromisso de produzir a *Sputnik V*.<sup>[22]</sup> O aumento das doses em escala local pode auxiliar na diminuição do preço da dose, além de animar o mercado das indústrias farmacêuticas envolvidas nas negociações. Outra tentativa de diminuição dos custos da dose também está em curso. No dia 6 de maio, o RDIF apresentou o registro da *Sputnik Light*, versão de dose única da vacina que promete diminuir o custo da imunização por indivíduo. A OMS segue coletando informações sobre seus relatórios clínicos. Esses dois ajustes de estratégia podem aumentar as chances da Rússia de fazer da *Sputnik V* outro caso de

[20] Solarz, Marcin; Wojtaszczyk, Małgorzata. *Population Pressures and the North–South Divide between the first century and 2100*. In: *Third World Quarterly*, v. 36, n. 4, 2015, 802–816.

[21] Statista. *Number of doses of the COVID-19 vaccine Sputnik V ordered from Russia or agreed to be produced abroad as of May 09, 2021, by country (in millions)*. 2021. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/1123927/sputnik-v-exports-from-russia-by-country/>>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

[22] Cha, Sangmi. *Second South Korean deal to produce Russia's Sputnik V*. In: *Reuters*, 16/04/2021. Disponível em: <<https://www.reuters.com/business/healthcare-pharmaceuticals/skorean-consortium-produce-100-mln-doses-month-russias-sputnik-v-vaccine-2021-04-16/>>. Acesso em: 09 de maio de 2021. *Money Control*. *India to produce Russia's Sputnik Light single-shot vaccine*. 2021. Disponível em: <<https://www.moneycontrol.com/news/trends/covid-19-vaccines-india-to-produce-russias-sputnik-light-single-shot-vaccine-6865291.html>>. Acesso em: 09 de maio de 2021. *Tass - Russian News Agency*. *MASS production of Sputnik V launched in Belarus on March 25, 2021*. Disponível em: <<https://tass.com/world/1283715>>. Acesso em: 06 de maio de 2021.



sucesso de sua diplomacia técnico-científica.

Em suma, a tentativa russa de expandir seu poder pelo Sul segue abaixo da expectativa, mas a Federação vem adaptando suas estratégias políticas para obter sucesso com o imunizante. Até o início de maio de 2021, a Rússia havia negociado a aprovação e o fornecimento da vacina em mais de 60 países, mas nem todas as negociações foram concretizadas. Os motivos são muito particulares de cada país e também pulverizados, mas parecem reunir um pouco de cada problema apresentado anteriormente. Em relação a sua eficácia nos processos de imunização, não existiram queixas apesar de toda a dúvida levantada pela OMS. A Argentina, por exemplo, não só continua utilizando em massa a *Sputnik V* na população como será o primeiro país latino-americano a produzir o imunizante.

### Conclusão

Por fim, é importante ressaltar o papel da *Sputnik V* na forma como a Rússia tem se posicionado durante a pandemia de COVID-19. Sem ela, o governo de Vladimir Putin não teria condições de se apresentar como uma pronta liderança de cooperação em saúde. O lançamento do imunizante, independente das controvérsias que tenha gerado, acelerou a corrida mundial por soluções e reafirmou as competências técnico-científicas da Federação Russa de ingressar nessa empreitada. Após mais de um ano de imersão na crise sanitária global, podemos concluir que a *Sputnik V* serviu até aqui de duas maneiras: auxiliando na superação da pandemia de COVID-19 e no processo de expansão da influência da Federação Russa pelo Sul Global. O processo pode parecer mais conturbado do que aquele que deu origem ao Programa Espacial Soviético, mas não podemos esquecer que a pandemia segue sendo combatida, apresentando novos desafios e forçando os Estados a apresentarem soluções cada vez mais rápidas e eficientes. Sobre a utilização da vacina como instrumento de *Soft Power*, não parece novidade aos Estados a utilização de recursos (sejam eles econômicos, materiais ou imateriais) na busca por aumento de poder.

Conclui-se que a política de expansão de influência através da instrumentalização da *Sputnik V* parece ter sido pensada para todo o mundo, ainda que o Sul Global seja boa parte dele. Foi possível perceber o interesse do governo de Vladimir Putin em se destacar no fornecimento de vacina para os países do Norte, seja por motivos geopolíticos ou econômicos. Todavia, conforme pontuamos anteriormente, a Rússia de hoje enfrenta problemas econômicos que em 1957 a União Soviética, até onde se sabe, sequer sonhava enfrentar. Se o “momento *Sputnik*” atual é tão grandioso quanto aquele de 1957, só saberemos daqui a 5 ou 10 anos, quando tudo isso estiver no passado, bem como o ocorrido com a corrida espacial da Guerra Fria.

*Artigo recebido para publicação em: 10 de maio de 2021.*

## Das máscaras às vacinas: uma atualização da política externa chinesa face à Covid-19

**Ghaio  
Nicodemos  
Barbosa**

Pesquisador  
NEAAPE

### Introdução

Devido ao fato de ter sido o primeiro país onde a Covid-19 se manifestou, a China tem estado em evidência em boa parte da comunicação internacional sobre a doença, quer provenha dos canais de comunicação oficiais do país, da mídia internacional, de organismos multilaterais ou de governantes estrangeiros críticos ao país. O Ministério da Saúde chinês anunciou a superação do contágio interno em 10 de março de 2020, quando o país registrou apenas 15 novos casos, e passou a orientar a estratégia para evitar que novos surtos ocorressem com pacientes contaminados vindos do estrangeiro.<sup>[1]</sup>

Por meio de esforços médicos, sanitários, financeiros e diplomáticos, o governo chinês manteve uma política assertiva diante da difusão de notícias falsas, de teorias da conspiração e do uso político da pandemia por parte de alguns governantes, que culpavam a China pela pandemia. No campo internacional, a diplomacia buscou contornar a estigmatização do país enquanto responsável pela propagação da doença, enquanto outros setores se engajaram em esforços para mostrar o país como um exemplo a ser seguido no controle da transmissão local e tratamento dos pacientes contaminados.

Através do suporte ao multilateralismo, da defesa da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da cooperação bilateral, a República Popular da China ganhou proeminência internacional ao

[1] Entre 10 de março de 2020 e o dia 02 de maio de 2021, a China registrou um total de 21700 novos casos de Covid-19, uma média de 53 novos casos diários. Entre o dia 20 de abril de 2020, quando o país registrou o último pico de mortos pela Covid-19, e o dia 02 de maio de 2021, o país contabilizou 210 mortes, aproximadamente uma nova morte a cada 2 dias. Ver: *Our World In Data*. Coronavirus Pandemic (COVID-19). Disponível em: <<https://ourworldindata.org/coronavirus>>. Acesso em: 03/05/2021.



defender medidas sanitárias com respaldo científico e confrontar o negacionismo e a politização da pandemia.<sup>[2]</sup> Tentativas de responsabilizar a China pela crise sanitária e desacreditar a atuação da OMS foram observadas no discurso de diversas lideranças, como no do ex-presidente estadunidense Donald Trump,<sup>[3]</sup> e também nos discursos de membros do alto escalão do governo brasileiro, como o ex-chanceler Ernesto Araújo e o deputado federal Eduardo Bolsonaro, filho do presidente Jair Bolsonaro.<sup>[4]</sup>

Ao passo que a China se distanciou da posição de epicentro da pandemia, diversos países no mundo passaram a enfrentar a proliferação da doença em seus territórios e o governo chinês acabou por assumir um papel importante na ajuda internacional e na cooperação técnica em prol do combate à transmissão do vírus e do tratamento de pacientes graves. Chamada de “diplomacia das máscaras”, a postura do governo chinês envolveu o governo central, diversos atores subnacionais e empresas privadas, que se envolveram na doação e/ou comercialização de insumos hospitalares como máscaras e equipamentos de proteção pessoal, além de testes clínicos e outros instrumentos para o tratamento e diagnóstico de pacientes.<sup>[5]</sup>

Paralelamente à “diplomacia das máscaras”, os laboratórios farmacêuticos chineses, assim como correlatos de outros países, se engajaram na corrida para produzir, testar e difundir uma vacina para enfrentar o vírus. Conforme avançou a fase de testes de possíveis imunizantes, foram firmados acordos de cooperação com organizações estrangeiras para a Fase 3, que envolveu a testagem em massa. A *Sinopharm Beijing*, desenvolvida pelo laboratório *Sinopharm*, é o mais proeminente dentre os imunizantes para a Covid-19 desenvolvido na China, e a este se somam outras três vacinas aprovadas pela agência de saúde chinesa e emergencialmente por outros países: a *Coronavac*, produzida pela *Sinovac*; a *Sinopharm Wuhan*, também produzida

[2] Latitude Sul. Saúde Global e multilateralismo são destaque na política externa chinesa. In: *Conjuntura Latitude Sul*, n. 5, maio de 2020, p. 12. Disponível em: <[http://latsul.org/wp-content/uploads/2020/06/Conjuntura-Latitude-Sul\\_Maio2020v2.pdf](http://latsul.org/wp-content/uploads/2020/06/Conjuntura-Latitude-Sul_Maio2020v2.pdf)>. Acesso em: 01/05/2021.

[3] Stith, C. R. *Why Trump blaming China for the coronavirus pandemic is a waste of time and energy*. In: *South China Morning Post*, 14/12/2020. Disponível em: <<https://www.scmp.com/comment/opinion/article/3113625/why-trump-blaming-china-coronavirus-pandemic-waste-time-and-energy>>. Acesso em: 11/05/2021.

[4] Latitude Sul. Declaração de Eduardo Bolsonaro sobre COVID-19 provoca tensão diplomática com a China. In: *Conjuntura Latitude Sul*, n. 3, março de 2020, p. 4. Disponível em: <<https://cutt.ly/knwYwcD>>. Acesso em: 01/05/2021.; Latitude Sul. Ala ideológica do governo brasileiro volta a provocar atritos diplomáticos com a China. In: *Conjuntura Latitude Sul*, n. 4, abril de 2020, p. 4. Disponível em: <<http://latsul.org/wp-content/uploads/2020/05/Conjuntura-Latitude-Sul-Abril2020v2.pdf>>. Acesso em 01/05/2021.

[5] Barbosa, G. N.; Soares, C. S. M. A China enquanto protagonista da Emergência de Saúde Global da Covid-19. In: *Boletim NEAAPE*, v. 4 n. 2 - set. 2020, p.30-41.

pela *Sinopharm*; e a *Convidecia* desenvolvida pela *CanSino Biologics*.<sup>[6]</sup>

Cada um destes laboratórios produziu sua própria rede de cooperação para a testagem em massa, firmando parcerias para executar o terceiro estágio de desenvolvimento, e todos contaram com apoio de governos de outros países e de laboratórios locais para executar os testes clínicos em território estrangeiro. A busca pela vacina, no entanto, vem acompanhada de críticas de governos antagônicos à China, o que vem criando obstáculos para o licenciamento do imunizante pelas agências de saúde locais e internacionais, algo que vem obrigando o governo chinês a utilizar os canais diplomáticos para difundir as vacinas desenvolvidas pelo país como uma alternativa para a comunidade internacional.

Neste artigo avaliaremos quatro dimensões da “diplomacia das vacinas” chinesa: a) a cooperação para a produção e testagem do imunizante; b) os acordos para o licenciamento produtivo; c) a dificuldade de autorização dos imunizantes chineses junto à OMS e d) a pluralidade de acordos bilaterais de comercialização e doação de vacinas. Para subsidiar as informações deste artigo foram utilizadas fontes de diferentes bases, descritas a seguir: 1) para analisar o uso efetivo de vacinas de empresas chinesas, utilizamos a plataforma *Our World in Data*,<sup>[7]</sup> que atualiza comunicados dos governos em canais oficiais sobre o uso de vacinas, com informações acompanhadas até o dia 2 de maio de 2021; 2) para a indicação dos testes e processo de aprovação (emergencial na maioria dos casos) usamos a plataforma *Covid-19 Vaccine Tracker*,<sup>[8]</sup> indicada como fonte pela OMS e pela *Covax Facility*, também com informações até o dia 2 de maio de 2021; 3) por ser a maior fonte de dados condensada para a vacinação com imunizantes chineses, utilizamos dados da *Bridge Beijing* que, no entanto, possui uma defasagem de dados de 5 a 7 dias em relação as outras duas plataformas, contando com dados até 27 de abril. De forma complementar, utilizamos os comunicados de acordos e informações adicionais veiculadas em jornais digitais chineses e ocidentais.

26

### **A importância dos laboratórios chineses e da cooperação internacional**

Na China, a aprovação dos primeiros testes clínicos (Fases 1 e 2) para encontrar um imunizante para a Covid-19 foi realizada no início da pandemia, mas foi entre os meses de abril e junho de 2020, momento em que a transmissão do vírus *Sars-cov-2* já estava controlada

[6] Reuters. China approves two more domestic COVID-19 vaccines for public use, 25/02/2021. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-china-vaccine-idUSKBN2AP1MW>>. Acesso em: 31 de abril de 2021.

[7] *Our World In Data. Coronavirus (COVID-19) Vaccinations*. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/covid-vaccinations>>. Acesso em: 02/05/2021.

[8] McGill University. McGill COVID19 Vaccine Tracker Team. Disponível em: <<https://covid19.trackvaccines.org/country/china/>>. Acesso em: 02/05/2021.

no território do país, que a iniciativa ganhou fôlego.<sup>[9]</sup>

A empresa estatal *Sinopharm*, em parceria com o *Beijing Institute of Biological Products* (BIBP) e o *Wuhan Institute of Biological Products* (WIBP) deu a largada nos testes de duas variações de vacina baseada em vírus inativados quimicamente, quando começaram os ensaios para a vacina, ainda em janeiro de 2020. Em junho de 2020, o laboratório BIBP constatou a ausência de efeitos adversos graves e concluíram que a vacina era viável em estimular a produção de anticorpos contra o *Sars-cov-2*, indicando que a *Sinopharm Beijing* poderia avançar para a Fase 3, onde ocorreria a testagem em massa.<sup>[10]</sup>

Para atender a escala exigida pela Fase 3, a *Sinopharm* estabeleceu cooperação com institutos de pesquisa estrangeiros: *Abu Dhabi G42 Healthcare*, dos Emirados Árabes;<sup>[11]</sup> com a Universidade de Karachi, no Paquistão; e com o Hospital Príncipe Hamzah, na Jordânia. A *Sinopharm* também conduziu testes em voluntários diretamente no Egito, Marrocos, Jordânia, Bahrein, Argentina e Peru.<sup>[12]</sup> O BIBP publicou em outubro de 2020, na revista *The Lancet*, os resultados positivos das primeiras fases de testagem,<sup>[13]</sup> e os resultados foram considerados suficientes para que a vacina atraísse a atenção de governos interessados em incluir a *Sinopharm Beijing* em suas campanhas de vacinação.

A vacina desenvolvida pelo WIBP, por sua vez, chamada de *Sinopharm Wuhan*, foi testada nos Emirados Árabes, Jordânia, Bahrein, Egito, Jordânia, Peru e Marrocos. Além disso, foram feitos testes das fases 1 e 2 na cidade de Wuhan, primeiro epicentro da pandemia no mundo.<sup>[14]</sup>

[9] *Global Times*. *Chinese COVID-19 vaccine candidate the first to start phase 3 clinical trials worldwide*, 24/06/2020. Disponível em: <<https://www.globaltimes.cn/content/1192598.shtml>>. Acesso em: 30 de abril de 2021.

[10] Corum, Jonathan; Zimmer, Carl. *How the Sinopharm Vaccine Works*. In: *The New York Times*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2020/health/sinopharm-covid-19-vaccine.html>>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

[11] Xinghui, Kok; Sim, Dewey. *With Malaysia, UAE soon to make Chinese vaccines, does Beijing have an edge in vaccine diplomacy?* In: *South China Morning Post*, 09/04/2021. Disponível em: <<https://www.scmp.com/week-asia/politics/article/3128747/malaysia-uae-soon-make-chinese-vaccines-does-beijing-have-edge>>. Acesso em: 30 de abril de 2021.

[12] McGill University. *Sinopharm Beijing*. *McGill COVID19 Vaccine Tracker Team*. Disponível em: <<https://covid19.trackvaccines.org/vaccines/5/>>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

[13] Xia, S.; Zhang, Y.; Wang, Y.; et. al. *Safety and immunogenicity of an inactivated SARS-CoV-2 vaccine, BBIBP-CorV: a randomised, double-blind, placebo-controlled, phase 1/2 trial*. In: *The Lancet. Infectious Diseases*, n. 21, v. 1., October 2020, p. 39–51. Disponível em: <<https://cutt.ly/LnwYRPX>>. Acesso em 02/05/2021.

[14] McGill University. *Sinopharm Wuhan*. *McGill COVID19 Vaccine Tracker Team*. Disponível em: <<https://covid19.trackvaccines.org/vaccines/16/>>. Acesso em: 01/05/2021.



Outra empresa chinesa engajada na pesquisa de um imunizante foi a *Sinovac*,<sup>[15]</sup> privada e de capital aberto, que desenvolve a *CoronaVac*, e que concluiu os estudos clínicos das Fase 1 e 2 em julho de 2020, iniciando a testagem em massa a partir do mesmo mês. A *Sinovac* contou com a cooperação do Instituto Butantan, centro de pesquisa brasileiro associado ao governo do estado de São Paulo e, em decorrência do acordo firmado com o governador João Dória (PSDB), ficou responsável pela posterior produção em massa do imunizante no Brasil. No Chile, a Pontifícia Universidade Católica do Chile conduziu também a testagem da fase 3 da *CoronaVac*, e testes similares foram promovidos na Turquia, Indonésia, Filipinas e Arábia Saudita.<sup>[16]</sup>

A quarta vacina chinesa viabilizada foi desenvolvida pelo laboratório privado *CanSino Biologics*, batizada pelo nome *Convidecia*.<sup>[17]</sup> Diferentemente das *Sinopharm Beijing* e *Wuhan* ou da *CoronaVac*, a *Convidecia* usa a tecnologia de vetor viral, similar a *Oxford/AstraZeneca* e a *Sputnik V Gamaleya*. Para a fase de testagem em massa, o laboratório firmou parcerias com o laboratório russo *Petrovax*, com a Universidade de la Frontera, do Chile, com a *Fundación Huésped*, da Argentina, além de ter realizado testes no México, no Paquistão e na Arábia Saudita<sup>[18]</sup>. O laboratório Halifax, do Canadá, chegou a acordar com a CanSino a participação nos testes da Convidencia, porém a exportação das vacinas não foi aprovada por autoridades alfandegárias chinesas, o que impediu a realização de testes naquele país.<sup>[19]</sup>

28

### Capacidade produtiva e licenciamento para a produção global

Até 2018, os laboratórios chineses representavam apenas por 1% das vacinas aplicadas globalmente. As empresas chinesas (estatais e privadas) responsáveis pelo desenvolvimento de vacinas observaram na pandemia uma oportunidade de ampliar a posição no mercado internacional através do desenvolvimento de imunizantes para a Covid-19. Para sustentar este anseio, vem sendo observado um forte investimento para expandir a capacidade produtiva de maneira direta, com apoio governamental chinês; e indireta, através do licenciamento

[15] Tan, Yvette. *Covid: What do we know about China's coronavirus vaccines?* In: BBC, 14/01/2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-china-55212787>>. Acesso em: 30/04/2021.

[16] McGill University. *Sinovac: CoronaVac. McGill COVID19 Vaccine Tracker Team*. Disponível em: <<https://covid19.trackvaccines.org/vaccines/7/>>. Acesso em: 02/05/2021.

[17] Zimmer, Carl; Corum, Jonathan; Wee, Sui-Lee. *Coronavirus Vaccine Tracker*. In: *The New York Times*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2020/science/coronavirus-vaccine-tracker.html>>. Acesso em: 30/04/2021.

[18] McGill University. *CanSino: Ad5-nCoV. McGill COVID19 Vaccine Tracker Team*. Disponível em: <<https://covid19.trackvaccines.org/vaccines/2/>>.

[19] Cooke, Alex. *Canadian COVID-19 clinical trial scrapped after China wouldn't ship potential vaccine*. In: CBC., 26/06/2020. Disponível em: <<https://www.cbc.ca/news/canada/nova-scotia/canada-china-covid-19-vaccine-trial-plug-pulled-1.5701101>>. Acesso em: 30/04/2021.

para a produção por meio de parcerias com outras empresas e organismos de saúde estrangeiros.

A *Sinopharm* anunciou que pretende produzir até o fim de 2021 cerca de um bilhão de doses da vacina *Beijing*. Em março de 2021, a parceria entre a *Sinopharm* e a *Abu Dhabi G42* deu origem a um acordo para a produção de 200 milhões de doses da vacina nos Emirados Árabes.<sup>[20]</sup> A empresa chinesa também firmou acordo de produção local com a empresa egípcia VACSEREA<sup>[21]</sup> e com o governo da Sérvia, que pretende produzir 24 milhões de doses a partir de outubro de 2021, para atender as demandas nacionais e de países vizinhos. Os governos de Belarus e Bangladesh também abriram negociações para produzir a vacina localmente.

Graças aos esforços de expansão da capacidade produtiva, a *Sinovac* acredita que será capaz de produzir dois bilhões de vacinas por ano. Por acordos de licenciamento, o laboratório *Bio Farma*, da Indonésia, pretende produzir cerca de 250 milhões de doses da vacina;<sup>[22]</sup> o Instituto Butantan – após investimentos – prevê a produção de cerca de 100 milhões de vacinas por ano,<sup>[23]</sup> mas ambiciona produzir um milhão de doses diárias; e os governos egípcio e turco esperam ser capazes de produzir doses para uso doméstico e para exportação para países vizinhos.<sup>[24]</sup>

Após a publicação dos resultados da Fase 3, a *CanSino* declarou que seria capaz de produzir anualmente 500 milhões de doses da vacina, que diferente da maioria das vacinas, só precisa ser aplicada em uma única dose. Alguns laboratórios estrangeiros apresentaram o interesse de produzir a vacina *Convidecia* localmente, como o *Solution Biologics*, da Malásia, o *Drugmex*, do México, a *Petrovax*, da Rússia, e o Instituto

[20] Reuters. *Egypt aims for deal to produce Sinovac COVID-19 vaccines*, 22/03/2021. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/uk-health-coronavirus-egypt-china-idUSKBN2BE26R>>. Acesso em: 03/05/2021.

[21] Barrington, Lisa. *UAE launches COVID-19 vaccine production with China's Sinopharm*. In: Reuters, 29/03/2021. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/middle-east/new-abu-dhabi-plant-manufacture-covid-19-vaccine-chinas-sinopharm-2021-03-29/>>. Acesso em: 03/05/2021.

[22] Yuniar, R. W. *Bio Farma: Sinovac's Indonesian partner sets sights on making Chinese vaccines for Southeast Asia*. In: *South China Morning Post*, 15/01/2021. Disponível em: <<https://www.scmp.com/week-asia/politics/article/3117840/bio-farma-sinovacs-indonesian-partner-sets-sights-making-chinese>>. Acesso em: 02/05/2021.

[23] Investsp. *Governo de SP inicia as obras da fábrica que produzirá Coronavac no Brasil*, 09/11/2020. Disponível em: <<https://www.investe.sp.gov.br/noticia/governo-de-sp-inicia-as-obras-da-fabrica-que-produzira-coronavac-no-brasil/>>. Acesso em: 01/05/2021.

[24] Fraser, Suzan. *Turkey approves China-based Sinovac vaccine's emergency use*. In: *Associated Press*, 13/01/2021. Disponível em: <<https://apnews.com/article/turkey-china-coronavirus-pandemic-coronavirus-vaccine-ac68dcf62293e0cc70942a1c218681a8>>. Acesso em: 01/05/2021. Reuters. *Egypt approves China's Sinovac coronavirus vaccine for emergency use*, 26/04/2021. Disponível em: <<https://www.reuters.com/business/healthcare-pharmaceuticals/egypt-approves-chinas-sinovac-coronavirus-vaccine-emergency-use-2021-04-26/>>. Acesso em: 30/04/2021.



Nacional de Saúde, organismo estatal do governo do Paquistão.

Além destas quatro, a vacina do laboratório *Anzhui Zhifei Longcom*, denominada ZF2001, foi autorizada para testes da Fase 3, em dezembro de 2020, e teve aprovação para uso emergencial na China e no Uzbequistão em março, mas ainda não compõe o portfólio oficial de vacinas sendo aplicadas.<sup>[25]</sup>

### Autorização, doações e acordos de fornecimento

O governo chinês, que já licenciou as vacinas para uso doméstico,<sup>[26]</sup> espera que a produção das doses desenvolvidas no país atinja a marca de três bilhões até o fim de 2021, e que os imunizantes chineses sejam capazes de atingir a maior participação global possível, sobretudo para distribuir doses através da *Covax Facility*. A *Covax Facility* é o mecanismo desenvolvido pela OMS para tornar a vacinação acessível em todos os países do mundo de maneira mais igualitária e a custos mais baixos, facilitando a aquisição de imunizantes em países em desenvolvimento.<sup>[27]</sup>

Apenas três vacinas foram oficialmente aprovadas pela OMS: a *Pfizer/BioNTech*, a *Janssen/Johnson&Johnson* e a *Oxford/AstraZeneca* (o que inclui a variante indiana *Covishield*). Além da OMS, apenas outros dois organismos multilaterais aprovaram vacinas: o *Caribbean Regulatory System* (que autorizou a *Pfizer/BioNTech* e a *Covishield*) e a *Africa Regulatory Taskforce* (*Oxford/AstraZeneca* e *Covishield*).<sup>[28]</sup>

30

Apesar dos esforços dos laboratórios em desenvolver as vacinas, testar em massa e publicar os resultados do licenciamento com mecanismos de cooperação internacional amplos, as quatro vacinas chinesas seguem sob autorização emergencial em um grupo limitado de países e aguardam pela autorização definitiva mundo afora, inclusive junto à OMS, que ainda não chancelou para a comunidade internacional a confiança nas vacinas chinesas.<sup>[29]</sup> Estava prevista a divulgação de um parecer definitivo da OMS para a *Sinopharm Beijing* e para a *CoronaVac* até o dia 3 de maio,<sup>[30]</sup> o que não ocorreu e foi

[25] McGill University. *Anhui Zhifei Longcom: RBD-Dimer*. McGill COVID19 Vaccine Tracker Team. Disponível em: <<https://covid19.trackvaccines.org/vaccines/27/>>. Acesso em: 01/05/2021.

[26] Reuters. *China approves two more domestic COVID-19 vaccines for public use*, 25/02/2021. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-china-vaccine-idUSKBN2AP1MW>>. Acesso em: 28/04/2021.

[27] Xinhua. *China Focus: Beijing goes full throttle in COVID-19 vaccine production*. In: Xinhuanet, 30/03/2021. Disponível em: <[http://www.xinhuanet.com/english/2021-03/30/c\\_139846945.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2021-03/30/c_139846945.htm)>. Acesso em: 28/04/2021.

[28] McGill University. *McGill COVID19 Vaccine Tracker Team*. Disponível em: <<https://cutt.ly/ZnwYKkx>>. Acesso em: 02/05/2021.

[29] Reuters. *Sinopharm, Sinovac COVID-19 vaccine data show efficacy: WHO*, 31/03/2021. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-who-china-vaccines-idUSKBN2BN1K8>>. Acesso em: 02/05/2021.

[30] Ma, Josephine. *China's Covid-19 vaccines reach final stage of WHO approval process*. In: *South China Morning Post*, 23/04/2021. Disponível em: <<https://www.scmp.com/news/china/science/article/3130758/chinas-covid-19-vaccines-reach-final-stage-who-approval-process>>. Acesso em: 03/05/2021.

adiado para a semana seguinte.<sup>[31]</sup>

Algumas vacinas chinesas se situam em uma faixa intermediária de eficácia, superior a 50%, o mínimo estipulado pela OMS para recomendar o uso emergencial, mas abaixo dos 70%, taxa preferível para assegurar maior confiança aos usuários. Mesmo aquelas vacinas com mais de 70% de eficácia têm resultados distintos nas fases de testes em países parceiros, o que fomentou a desconfiança em alguns dos países interessados na aquisição, e fez a OMS solicitar mais detalhes sobre os testes clínicos. Os testes da Fase 3 das vacinas atingiram taxas de eficácia diferenciadas nos países onde foram executados: a *Sinopharm Beijing* teve taxa de 79,34% de eficácia; a *CoronaVac*, vem sofrendo queda de confiança, com resultados de 50,65% no Brasil e de 91,25% na Turquia; a *Convidecia* teve eficácia de 65,28%; e a *Sinopharm Wuhan* apresentou resultado de 72,51%, mas enfrentou obstáculos como a interrupção parcial dos testes no Peru, após suspeita de efeitos neurológicos em um voluntário.<sup>[32]</sup>

Devido às desconfianças envolvendo os testes das vacinas desenvolvidas pela China, a *CoronaVac*, a *Convidecia* e a *Sinopharm Beijing* encontram dificuldades para integrar o portfólio da *Covax Facility*. Isto não impediu que o governo chinês e as empresas envolvidas se engajassem em licenciar a vacina junto a países parceiros na fase de desenvolvimento e testagem em massa, nem que estas empresas firmassem acordos com outros países interessados em adquirir as vacinas diretamente.

No momento da redação final deste artigo (02/05/2021), 34 países confirmam o início da vacinação com a vacina *Sinopharm Beijing*,<sup>[33]</sup> e outros 26<sup>[34]</sup> aguardam a autorização de seus órgãos de vigilância sanitária ou outros trâmites burocráticos e logísticos que permitam o uso deste imunizante. A *Coronavac/Sinovac*, por sua vez, segue em

[31] CGTN. *WHO says decision on China's Sinopharm and Sinovac vaccines to come next week*, 30/04/2021. Disponível em: <<https://newseu.cgtn.com/news/2021-04-30/WHO-says-Sinopharm-and-Sinovac-vaccines-decision-to-come-next-week-ZTcAw4NOfu/index.html>>. Acesso em 03/05/2021.

[32] Zimmer, Carl; Corum, Jonathan; Wee, Sui-Lee. *Coronavirus Vaccine Tracker*. In: *The New York Times*. Disponível em: <<https://cutt.ly/7nwY7D5>>. Acesso em: 02/05/2021.

[33] Argentina, Bahrein, Bolívia, Camboja, Camarões, China (inclusive Macau), Congo, Egito, Guiné Equatorial, Gabão, Hungria, Iraque, Jordânia, Quirguistão, Laos, Líbano, Maldivas, Maurtânia, Montenegro, Mongólia, Marrocos, Moçambique, Namíbia, Nepal, Niger, Paquistão, Peru, Senegal, Sérvia, Seychelles, Somália, Sri Lanka, Emirados Árabes, Zimbábue. (*Our World In Data. Coronavirus (COVID-19) Vaccinations*). Disponível em: <<https://ourworldindata.org/covid-vaccinations>>. Acesso em: 02/05/2021.

[34] Afeganistão, Argélia, Angola, Etiópia, Marrocos, Ilhas Maurício, Palestina, Brunei, Indonésia, Irã, Síria, Serra Leoa, Somália, Bangladesh, África do Sul, Sudão, Barbados, República Dominicana, México, Guiana, Venezuela, Belarus, Geórgia, Moldávia, Macedônia do Norte, Ilhas Salomão. (*Our World In Data*, op. cit.).

uso em 23 países,<sup>[35]</sup> e outros 14 devem iniciar o uso da mesma;<sup>[36]</sup> a *Convidecia CanSino* é aplicada em 2 países<sup>[37]</sup> e outros 4 pretendem iniciar o uso;<sup>[38]</sup> e a *Sinopharm Wuhan* segue em uso apenas na China e nos Emirados Árabes.

Ao menos dez países, além da própria China, contam apenas com vacinas de empresas chinesas no seu portfólio de vacinação. Outro fenômeno importante é que a “diplomacia das vacinas”, derivada dos imunizantes desenvolvidos pelas empresas chinesas, não se restringe ao uso diplomático pelo governo chinês, mas também vem sendo utilizada por terceiros países, como a Turquia, que vem assumindo o papel de redistribuir as vacinas que seu laboratório produz através de doações para países como a Líbia<sup>[39]</sup> e a Bósnia<sup>[40]</sup>.

É bastante ampla a difusão das doações de vacinas para países em desenvolvimento, partindo do governo chinês ou das empresas responsáveis. Destacamos apenas como exemplo alguns casos, como para as Forças de Paz das Nações Unidas<sup>[41]</sup> e para países como Tunísia<sup>[42]</sup>, Sudão<sup>[43]</sup>, Etiópia<sup>[44]</sup>, Togo<sup>[45]</sup> e Somália<sup>[46]</sup>.

[35] Albânia, Azerbaijão, Bósnia e Herzegovina, Brasil, Camboja, China (inclusive Hong Kong), Chile, Colômbia, República Dominicana, Equador, El Salvador, Indonésia, Líbia, Malásia, México, Chipre Norte, Paquistão, Filipinas, Tailândia, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Uruguai (*Our World In Data*, op. cit.).

[36] Moldávia, Cingapura, Panamá, Benin, Botswana, Djibouti, Egito, Guiné, Líbia, Somália, África do Sul, Togo, Zimbábue, Fiji (*Our World In Data*, op. cit.).

[37] México, Paquistão (*Our World In Data*, op. cit.).

[38] Malásia, Indonésia, Hungria, Chile (*Our World In Data. Coronavirus (COVID-19) Vaccinations*. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/covid-vaccinations>>. Acesso em: 02/05/2021).

[39] Xinhua. *Turkey provides Libya with 150,000 doses of Sinovac COVID-19 vaccine*. In: *China Daily* 15/04/2021. Disponível em: <<https://www.chinadaily.com.cn/a/202104/15/WS60779026a31024ad0bab59a5.html>> . Acesso em: 02/05/2021.

[40] Öztürk, Mustafa. *Turkey donates 10,000 more vaccine doses to Bosnia*. In: *Anadolu Agency*, 17/04/2021. Disponível em: <<https://www.aa.com.tr/en/health/turkey-donates-10-000-more-vaccine-doses-to-bosnia/2212159>>. Acesso em: 01/05/2021.

[41] Xinhua. *China to donate 300,000 doses of COVID-19 vaccines to UN peacekeepers*. In: *Xinhuanet*, 16/03/2021. Disponível em: <[http://www.xinhuanet.com/english/2021-03/16/c\\_139812730.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2021-03/16/c_139812730.htm)>. Acesso em: 02/05/2021.

[42] Xinhua. *Tunisia receives COVID-19 vaccine donated by China*. In: *Xinhuanet*, 27/03/2021. Disponível em: <[http://www.xinhuanet.com/english/africa/2021-03/27/c\\_139839190\\_2.htm](http://www.xinhuanet.com/english/africa/2021-03/27/c_139839190_2.htm)>. Acesso em: 02/05/2021.

[43] Xinhua. *China-donated Sinopharm COVID-19 vaccines arrive in Sudan*. In: *Xinhuanet*, 16/03/2021. Disponível em: <[http://www.xinhuanet.com/english/2021-03/16/c\\_139812730.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2021-03/16/c_139812730.htm)>. Acesso em: 02/05/2021

[44] Xinhua. *China-donated Sinopharm COVID-19 vaccines arrive in Ethiopia*. In: *Xinhuanet*, 30/03/2021. Disponível em: <[http://www.xinhuanet.com/english/africa/2021-03/30/c\\_139847051\\_2.htm](http://www.xinhuanet.com/english/africa/2021-03/30/c_139847051_2.htm)>. Acesso em: 02/05/2021.

[45] Xinhua. *Togo receives China-donated Sinovac vaccines*. In: *Xinhuanet*, 24/04/2021. Disponível em: <[http://www.xinhuanet.com/english/2021-04/24/c\\_139901833\\_2.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2021-04/24/c_139901833_2.htm)>. Acesso em: 02/05/2021.

[46] Xinhua. *Somalia receives China-donated Sinopharm vaccines*. In: *Xinhuanet*,

## Considerações finais: a inserção das vacinas no mercado global e as limitações da 'diplomacia das vacinas' chinesa

Diferentemente de países como os EUA e o Reino Unido, que concentram seus esforços majoritariamente na vacinação da população nacional, a China desde o início tenta equilibrar a imunização da população local e o envio de doses aos demais países com os quais firmou parcerias. Segundo registro do *South China Morning Post*, no dia 12 de abril, as exportações e doações representavam o equivalente a 80 milhões de doses prontas e matéria prima para outras 90 milhões de doses, quantidade superior às 145 milhões de doses aplicadas localmente até aquele momento.<sup>[47]</sup> As empresas responsáveis pelos imunizantes manifestaram interesse em integrar a iniciativa de vacinação emergencial e a distribuição global conta com esforços de comercialização e licenciamento, mas também de doações diretas promovidas pelo governo de Xi Jinping.

Ademais do ativismo chinês para produzir e distribuir vacinas, os laboratórios chineses esbarram em obstáculos, como a autorização de uso pelas agências sanitárias e a competitividade por preços com as vacinas dos laboratórios ocidentais. A *Coronovac*, mais barata dentre as vacinas chinesas, tem preço estimado de US\$ 10 por dose, o preço aproximado da concorrente russa *Sputnik V*, do Laboratório *Gamaleya*, que apresenta eficácia superior a 90%, e valor muito superior aos US\$ 3 cobrados por dose pela *AstraZeneca* pela *Vaxzevria* e pela *Covidshield*, atualmente utilizada em 135 países.

A *Sinopharm*, por sua vez, tem valores que variam entre US\$ 19<sup>[48]</sup> e US\$ 36<sup>[49]</sup> e a *CanSino* atinge o preço final de cerca de US\$27 por dose,<sup>[50]</sup> ambas sem demandar maiores investimentos em capacidade de armazenamento frigorífico. Em comparativo a estas duas vacinas, a *Pfizer-Biotech*, que atualmente é utilizada em 89 países, cobra US\$ 20 por dose, e a vacina do laboratório *Moderna*, que ainda não foi licenciada pela OMS e está presente

12/04/2021. Disponível em: <[http://www.xinhuanet.com/english/africa/2021-04/12/c\\_139873472\\_2.htm](http://www.xinhuanet.com/english/africa/2021-04/12/c_139873472_2.htm)>. Acesso em: 02/05/2021.

[47] McCarthy, Simone. *How China took an unlikely lead in the global supply of Covid-19 vaccines*. In: *South China Morning Post*, 09/04/2021. Disponível em: <<https://www.scmp.com/news/china/science/article/3128831/how-china-took-unlikely-lead-global-supply-covid-19-vaccines>>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

[48] Reuters. *Senegal pays \$3.7 mln for 200,000 doses of China's Sinopharm vaccine*, 13/02/2021. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/middle-east-africa/senegal-pays-37-mln-200000-doses-chinas-sinopharm-vaccine-2021-02-13/>>. Acesso em: 12/05/2021.

[49] Wee, Sui-Lee; Novak, Benjamin. *Hungary pays big for a Chinese vaccine*. In: *The New York Times*, 12/03/2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/03/11/world/hungary-sinopharm-covid.html>>. Acesso em: 12/05/2021.

[50] Farooq, Umar; Shahzad, Asif. *Pakistan to start private imports of CanSino COVID-19 vaccine for sale*. In: Reuters, 22/03/2021. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-pakistan-vaccine-idUSKBN2BE0N3>>. Acesso em: 12/05/2021.

em 37 países, apresenta preços entre US\$25 e US\$37. Ambas as vacinas dependem igualmente de investimentos extras em capacidade de armazenamento.

Segundo última atualização da plataforma chinesa BRIDGE, a única especializada em monitorar a difusão global das vacinas chinesas, até 27 de abril de 2021, já haviam sido comercializadas cerca de 691 milhões de doses de imunizantes chineses, dos quais foram entregues 177 milhões (prontas ou em matéria prima), além de outras 16,5 milhões doadas. A Indonésia, com o equivalente a 60 milhões de doses já entregues, e o Brasil, onde outros 31,7 milhões que estão sendo produzidas localmente, figuram como os dois maiores usuários de vacinas chinesas.<sup>[51]</sup> A plataforma aponta também que a América Latina é a região responsável pelo maior volume de vacinas adquiridas até o momento, 307 milhões de doses, seguida da Ásia que comprou cerca de 248,4 milhões de doses dos imunizantes chineses.

Em relação à agenda de doações, a Ásia é a região que mais recebeu doses de imunizantes do governo chinês, cerca de 10 milhões, seguida pela África, com 5,1 milhões de doses. Não estão incluídas no total de doações as 10 milhões de doses disponibilizadas para a *Covax Facility* que, até o momento, não tem previsão de destinação por parte da OMS; as 300 mil doadas para as operações de paz e outras ações das Nações Unidas; e as cerca de 50 mil de vacinas para a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL). Existem indicações de futuras doações destinadas à Liga Árabe e ao Comitê Olímpico Internacional.<sup>[52]</sup>

34

Um fenômeno singular observado é que alguns países compradores de vacinas chinesas vêm doando pequenas quantidades para países vizinhos, o que tem ampliado o alcance das vacinas, como o Chile, que doou doses para o Paraguai e para o Equador, e os Emirados Árabes, que doaram para a Jordânia e Seychelles.<sup>[53]</sup> Como citamos anteriormente, alguns países como Egito, Indonésia e Turquia, engajados em produzir localmente as vacinas, também demonstram interesse em produzir unidades excedentes para comercialização e para doação a países vizinhos, o que parece indicar a construção de uma rede de vacinas que tende a se abrir para além das intenções geopolíticas e diplomáticas das autoridades chinesas.

Outro dado fundamental é o total de vacinas vendidas até o momento, pois 75,3% são provenientes da *Sinovac* e da *CanSino*, laboratórios privados, enquanto 76% das vacinas doadas são da *Sinopharm*, laboratório estatal.<sup>[54]</sup> Esta informação parece ajudar

[51] BRIDGE. *China COVID-19 Vaccine Tracker*. Disponível em: <<https://bridgebeijing.com/our-publications/our-publications-1/china-covid-19-vaccines-tracker/>>. Acesso em: 03/05/2021.

[52] BRIDGE, op. cit.

[53] BRIDGE, op. cit.

[54] BRIDGE, op. cit.



a entender o alcance de uma estratégia orientada para o uso das vacinas em ações de ajuda internacional e podemos intuir que existe um espaço limitado para que o governo chinês use as vacinas da *CanSino* e *Sinovac* em operações não-comerciais. Estas características abrem espaço para questionarmos sobre em que medida é possível pensar na ‘diplomacia das vacinas’ enquanto uma plataforma de *soft power*<sup>[55]</sup> chinês e em que medida a produção das vacinas pode ser explicada apenas pelos objetivos estratégicos do governo chinês. À primeira vista, a escolha pela aquisição ou licenciamento de vacinas por países estrangeiros de imunizantes de empresas chinesas parece ser melhor explicada pelas estratégias para imunização nacional dos países, como forma de complementar ou de acelerar a vacinação de seus cidadãos, apesar do custo mais alto pago pelas doses equivalentes dos laboratórios ocidentais.

Se o governo chinês tem reais pretensões de utilizar as vacinas como uma ferramenta diplomática, os trâmites de licenciamento e o preço das vacinas concorrentes tendem a dificultar este uso. Por outro lado, o comportamento solidário do governo chinês de distribuir suas vacinas globalmente, muitas vezes através de doações e liberando as doses acordadas em um ritmo próximo ao da vacinação de sua própria população, tende a fazer frente à retórica de adversários internacionais. Países como Brasil, Hungria e Filipinas, onde os governantes já manifestaram despreço e teceram acusações ao governo chinês, contam com imunizantes de alguma empresa chinesa em seus programas domésticos de vacinação.<sup>[56]</sup>

As escolhas do governo chinês parecem confrontar as decisões da política de vacinação conduzida pelos EUA e pelo Reino Unido, que vêm priorizando a vacinação da própria população, tendo atingido, respectivamente, 43,73% e 50,83% da população que recebeu ao menos uma dose da vacina, até a data de fechamento deste artigo. Ambos os países antagonizam com o governo chinês em outras agendas, como os recentes embates em relação à população uigur da província de Xinjiang,<sup>[57]</sup> bem como às liberdades civis e à autonomia de Hong Kong e Taiwan.<sup>[58]</sup>

---

[55] *Soft Power* (ou poder brando) é a capacidade de um país moldar a preferência dos demais através de ferramentas não-coercitivas como valores e cultura, ou de instituições e políticas compartilhadas na promoção de objetivos comuns. (Nye Jr., Joseph. *Soft Power: the means to success in World Politics*. Nova York: *Public Affairs*, 2004).

[56] Em alguns casos, como o do presidente brasileiro Jair Bolsonaro, a vacina se fez presente a contragosto das intenções e objetivos políticos do governo federal.

[57] Latitude Sul. Acusações contra o governo chinês por Xinjiang gera reações. In: *Conjuntura Latitude Sul*, v. 05, n. 01/02, janeiro e fevereiro de 2021, p.14. Disponível em: <[http://latsul.org/wp-content/uploads/2016/06/ConjunturaLATSUL\\_Janeiro\\_Fevereiro2021.pdf](http://latsul.org/wp-content/uploads/2016/06/ConjunturaLATSUL_Janeiro_Fevereiro2021.pdf)>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

[58] Barbosa, G. N. A política externa “populosa”: um balanço da diversidade de atores na China. In: *Boletim NEAAPE*, v. 4 n. 3 - dez. 2020, p. 15-30. Ver

Se em alguma dimensão faz sentido pensar na existência de uma “diplomacia chinesa das vacinas”, ela reside nestes campos fundamentais: i) no campo comercial, para assegurar o maior mercado consumidor possível para as vacinas e desobstruir possíveis barreiras; ii) no campo científico, para sustentar que as pesquisas para desenvolver os imunizantes cumpriram os trâmites adequados e validar o resultado dos testes; iii) no campo da cooperação e ajuda internacional, ao dividir a produção da vacina entre parceiros internacionais e que parece encontrar obstáculos por conta das autorizações pendentes na OMS; iv) no campo ético, ao disputar uma política distributiva distinta daquela conduzida por seus adversários e ao mostrar abertura para negociar com governos críticos ao governo do Partido Comunista chinês que recorrem às suas vacinas.

*Artigo recebido para publicação em: 4 de maio de 2021.*

---

também: Latitude Sul. Taiwan é pivô de novas animosidades entre o governo chinês e os EUA. In: Conjuntura Latitude Sul, v. 5, n. 01/02, janeiro e fevereiro de 2021, p. 14. Disponível em: <[http://latsul.org/wp-content/uploads/2016/06/ConjunturaLATSUL\\_Janeiro\\_Fevereiro2021.pdf](http://latsul.org/wp-content/uploads/2016/06/ConjunturaLATSUL_Janeiro_Fevereiro2021.pdf)>. Acesso em: 10 de maio de 2021.



O NEAAPE reúne pesquisadoras e pesquisadores dedicados a compreender o processo decisório e os temas que integram as agendas de política externa por meio de estudos e análises sobre distintos países, seja de forma individual ou sob uma perspectiva comparada. O NEAAPE também produz textos, mapas, infográficos, tabelas e entrevistas que ilustram e problematizam este campo de pesquisa e reflexão. Criado em 2016, o Núcleo dá continuidade às pesquisas realizadas no âmbito da extinta Rede de Agendas e Atores de Política Externa que foi responsável, com apoio do CNPq, por avançar a reflexão sobre a política externa como uma política pública.



# NEAAPE

Núcleo de Estudos  
Atores e Agendas de Política Externa